

MARIA JOÃO  
FIALHO GOUVEIA



As paixões e dissabores  
da Princesa de Parma,  
filha do rei D. Miguel,  
ao lado do príncipe  
e marido italiano.

AS  
LÁGRIMAS  
DA  
PRINCESA

• ROMANCE HISTÓRICO •

TOP  
SEL  
LER

Dedico este livro aos animais. A todos os animais. Aos que comigo partilharam a sua breve vida, tornando-a um lugar mais bonito, e aos que ainda a alegram hoje, na sua candura de amar sem limites.

Mas dedico também estas minhas páginas aos animais que sofrem às mãos do Homem, que, ao invés de cumprir o seu dever de os proteger, os condena a vidas indignas e de profundo sofrimento. Estas palavras são por aqueles que amargam e que morrem em nome da indústria alimentar, pelas mães a quem são retirados os filhos, mal nascem, pelos filhos que morrem sem nunca terem gozado o dom da vida. A minha dedicatória vai ainda para os inocentes que são torturados, mutilados e mortos em nome da cosmética, da moda e da ciência, um tormento desnecessário, por haver outro caminho e porque o seu metabolismo do nosso difere. O meu pensamento vai, assim, para todos os outros que choram uma vida cruel e uma morte sem amparo.

A minha alma ensombra-se sempre que lhes adivinho a dor. A dor desses seres que, pela sua pureza e capacidade de amar e perdoar, nos são superiores. E como não creio em deus algum, à imagem de quem tenhamos sido criados, vejo neles a mais aproximada imagem da perfeição.

# Introdução

**B**ela, culta e elegante, Aldegundes de Bragança trazia no porte a majestade da sua herança real e no olhar a tristeza dos sonhos por cumprir. Nascera princesa, ungida pelos céus, a formosa quinta filha do monarca banido, D. Miguel de Bragança, que lhe morrera durante a infância. Na romântica Áustria, sua terra natal, cresceu rodeada pelos irmãos e pela mãe — D. Adelaide de Löwenstein —, incansável relatora da glória e da desgraça d’el-rei, para que os filhos nunca se esquecessem de que carregavam no sangue o ceptro de Portugal.

Uma a uma, *Gunta* — assim a chamavam os irmãos e a ama — viu casar as irmãs com príncipes das mais poderosas casas reais europeias, umas reinantes, outras de soberanos sem trono, como por fim o era o seu pai, mas, ainda assim, filhos afortunados da graça divina. Maria das Neves, a mais velha das irmãs, trocou votos com um pretendente à coroa espanhola, ao lado de quem lutou, amazona e de espada em punho, qual guerreiro destemido; Maria Teresa e Maria José tornaram-se, por matrimónio, cunhadas de Sissi; enquanto o irmão — Miguel, como o pai — entrou na família austro-húngara ao desposar a sobrinha da imperatriz.

Quis o destino que a mais formosa das Braganças estivesse fadada a um caminho penoso e infeliz, ao lado de Enrico de Bourbon-Parma,

um príncipe italiano belo como um deus grego, mas azedo e amargurado por um ferimento sofrido na guerra. Foi um amor híbrido, feito de momentos de paixão e de dissabores, chorado na quietude das paredes de um palácio ou na agitação dos mares distantes. Contudo, o que verdadeiramente ditou a melancolia que os olhos de Aldegundes denunciavam foi a maternidade que a vida lhe negou: nove filhos gerou e nove filhos perdeu.

Após o enlace, a princesa portuguesa passou a dividir a sua vida entre a Áustria e Veneza, que se tornou o palácio da sua alma, quando o ardor do marido pelas expedições marítimas não a levavam mundo afora, a bordo de um iate com o seu nome. Foi precisamente do convés do *Aldegonda* que avistou pela primeira vez o seu amado Portugal, que por várias ocasiões visitou clandestina, banido como estava o seu ramo miguelista de pisar o pátrio solo.

Morto Bourbon-Parma, Aldegundes encontrou alento nos sobrinhos que lhe ocupavam o lugar dos filhos que não teve, em especial Adelaide do Luxemburgo, primogénita da sua irmã Maria Ana, e, mais tarde, D. Duarte Nuno de Bragança, filho de seu irmão, que se lhe aninou nos braços e no coração.

Entretanto, duas guerras mundiais assolaram a Europa, uma após a outra. A princesa atravessou os dois conflitos, vivendo a angústia de ver a sua irmã Maria Ana, grã-duquesa do Luxemburgo e a sua sobrinha Zita, a última imperatriz da Áustria, serem despojadas dos seus tronos e dos seus bens, e obrigadas a buscar refúgio noutros países.

Por fim, já as rugas a marcavam, chamou a si o título de duquesa de Guimarães, entregando-se a uma luta apaixonada pela restauração da monarquia portuguesa e pelos direitos dinásticos do seu amado D. Duarte Nuno. Falhados os seus esforços diplomáticos e materiais em prol da causa monárquica, Aldegundes de Bragança pôde, no entanto, cantar vitória na batalha pelo reposicionamento dos descendentes de D. Miguel na linha do trono de Portugal. Mas, se é por este feito que a História a recorda, é também pela coragem com que venceu o seu drama pessoal que a família celebra a memória da princesa dos olhos tristes, Aldegundes de Bragança.

I  
*Sob os céus  
de Veneza*





**A** tarde espreguiçava-se morna e indolente sobre os céus de Veneza. Os raios de sol, tardios e cansados, abraçavam, uma após a outra — no seu avanço vagaroso de despedida —, as majestosas janelas geminadas do alvo e nobre Palazzo Vendramin Calergi. Na sua brancura de pedra calcária, a fachada principal do edifício renascentista — sobranceira ao Grand Canal — recortava-se de pares de janelas francesas, encimadas de arcos e trifólios lavrados, e intercaladas por colunas singelas, num ritmo harmonioso, ao longo dos seus três pisos. Era à hora de aviso do fim do dia, beijada pela luz branca e larga do alvorecer do estio italiano, que a casa veneziana de Aldegundes de Bragança mais rimava com a realeza. E era assim, também, nos finais de tarde que a princesa de Parma se demorava a olhar o quanto a sua vista alcançava dos seus aposentos, da saleta, do salão nobre — por onde se adiantasse o sol! — do Sestiere di Cannaregio. Hoje o seu deleite crescia em liberdade, demorando-se Enrico, como anunciara, num encontro de antigos camaradas de armas, para assinalar um ano sobre o fim das Guerras Carlistas.

A paz de um tempo a sós e sem afazeres trouxe à bela portuguesa o sabor de benevolente oferenda celeste, em que pudesse chorar em quietude a perda do seu primeiro filho. Aldegundes perdera a criança

a largos meses do nascimento e lutava agora por reedificar o corpo e a alma, indo já pedindo a Deus Nosso Senhor a graça de um segundo infante. O casal viera fazer o luto no bulício de Veneza, enquanto o Verão do Veneto ia ameno. Mas, houvesse notícia de nova gestação, tornariam à tranquilidade do campo, no seu refúgio austríaco de Seebenstein.

A perspectiva do regresso à Áustria tinha para a jovem um sabor, de uma leva, amargo e doce: doce, pela proximidade e afinidade com a sua Alemanha natal; amargo, porque «Gunta» — assim a chamavam os irmãos e a ama — cedo se apaixonara pelo clima e pela letícia das terras de Piemonte. Talvez porque, apesar de nada e criada na Europa germânica, o seu sangue luso — trazendo consigo a quentura de um Portugal que nunca conhecera — falasse mais alto e lhe frisasse a latinidade.

A ideia roubou-lhe um sorriso. Aldegundes de Bragança, duquesa de Parma e condessa de Bardi, perdia-se nestas langorosas reflexões quando a súbita percepção da sua identidade mediterrânica a assaltou, parecendo erguê-la em direcção à vida. Banhada pela claridade do dia lá fora, correu ao quarto a pôr um chapéu — branco rendado, que condissesse com o vestido da mesma cor — e um leve xaile. Inesperadamente animada, fez saber à aia que ia sair, dar uma volta pelo Cannaregio.

— De gôndola? — perguntou Marcella de Sammartini, atónita com a repentina mudança de génio da senhora de Parma.

— Não — respondeu, determinada, a infanta: — A pé! Vai buscar-me um guarda-sol. O branco! Que o sol ainda queima. Ah, e um leque. Qualquer um. — E, sem esperar pela nobre açafata, desceu as escadas quinhentistas do Ca' Vendramin e saiu pela porta lateral, em direcção ao jardim que conduzia às artérias venezianas. A pobre Marcella apressou-se a atender aos seus pedidos, correndo esbaforida pela casa e reunindo-se-lhe já na Calle del Tintor, onde de pronto cobriu com a sombrinha a sorridente princesa, que lhe revelou:

— Vamos a San Marco!

— Pelas ruas? Ainda leva uma meia hora, *principessa...*

— *Eco*, pelas ruas. Atravessamos na Ponte de Rialto. Preciso de caminhar. Trouxeste o leque? *Andiamo presto.*

Passando à sua esquerda o Palazzo Mocenigo, as duas jovens prosseguiram a passo largo em direcção ao Campo San Cassiano, logo alcançando o Campo Beccarie, de ponte em ponte, até avistar o Rialto. A princesa seguia à frente, decidida, movida por um génio que há muito se lhe não via. No seu níveo vestido, que deixava adivinhar uns sapatinhos de cetim sob o remate rendilhado, desenhava por onde quer que passasse a sua imagem angelical e encantadora. Sem perceber a razão da enérgica transformação de espírito da princesa Aldegundes — tampouco a necessidade da pressa no passo —, Marcella apressava-se na sua senda, resmungando «*Madonna Mia*, mas que pressa!».

— *Ma che cosa dici, Marcella?* Vamos, que eu quero dizer uma oração na basílica!

Em três tempos a dupla deixava para trás as muitas pontes que atravessara, os largos aprazíveis, os arcos, os mil e um cantos e recantos venezianos, os belos palácios de arquitectura quinhentista — com as pacientes gôndolas à porta, à espera —, as *mercerie*, e arribava à Piazza San Marco. Como era magnífica! Por mais vezes que sobre ela pousasse os olhos, o seu avistamento lograva fruir na princesa o assombro da primeira vez. Aquele rossio, indubitavelmente projectado num qualquer Olimpo, nunca se esgotaria numa mirada. Como habitualmente, arrebatada pela beleza de semelhante contemplação, Aldegundes buscava veementes adjectivos para a classificar com a devida grandeza: a elegância das arcadas sobrepostas que ladeavam a praça, a grandiosidade do campanário que se elevava aos céus, a exótica traça mourisca da sumptuosa basílica e, não menos, o arrendado pétreo do Palazzo Ducale.

Demorava-se nesta superior empreitada, quando os carrilhões da esplêndida Torre do Relógio deram as sete da tarde. A fidalga mal teve tempo de se perder a admirar os mouros de bronze — o velho e o novo — que batem os sinos, o ouro e o esmalte azul do mostrador com os signos do zodíaco, do nicho da Virgem com o Menino, do fundo estrelado do leão alado. Benzeu-se e, sinalizando à camareira que a acompanhasse, correu à basílica. Cobrindo a cabeça com o xaile de renda que trazia aos ombros, galgou apressada a arcaria principal — coroadada

pelos quatro cavalos de bronze de Constantino —, voltou a benzer-se e entrou no templo.

O mar dourado do interior bizantino-gótico da igreja de San Marco maravilhava-a em cada regresso, inundando-a de pasmo e beatitude. Mas esta sua vinda revestia-se da solenidade de uma missão e Aldegundes procurou compenetrar-se, sacudindo o assombro. Sentou-se num dos primeiros bancos. Marcella imitou-lhe o gesto. A princesa fechou os olhos e rezou uma ave-maria, mas o deslumbramento dos mosaicos e dos mármore com padrões geométricos e desenhos de animais, a abundância de pedras preciosas e a majestade do conjunto toldavam-lhe a adoração. Mal começara o pai-nosso, já os seus olhos de criança curiosa percorriam os tesouros seculares, furtando-a à devoção. Determinada a fazer as pazes com o seu fado e a incensar Deus, porém, a jovem prosseguia com as orações, fechando os olhos ao mundo, certa de que o Todo-Poderoso atenderia ao seu rogo. E assim, acometida de convicção, lá conseguiu permanecer em preito e reverência por espaçosos momentos. Findo estes, ergueu-se comovida e grata, beijando repetidamente o seu crucifixo, já grávida de esperança, por aquelas sacras naves em cruz grega.

Uma vez pisado o chão do terreiro, contudo, o ímpeto da sua juventude arrecadou a virtude da sua cristandade, dando lugar ao vício do júbilo e da paixão pela cultura, logo dissertando a princesa sobre o legado artístico da antiga capital da Sereníssima República de Veneza. A aia esforçava-se por se mostrar interessada, embora não escondesse a sua antipatia por aquela cidade que dizia sempre suja, húmida e com água demais para o seu gosto toscano. Indiferente à opinião de Marcella, Aldegundes de Bragança persistiu na sua narrativa da história da quadriga grega, do século IV, que encimava o pórtico da santidade e que fora alvo da cobiça de imperadores. Explicou pormenorizadamente como Trajano trouxera os cavalos da Grécia para ornar o seu arco em Roma, levando-os depois para Constantinopla, e como estes tinham passado de mão em mão e de país em país, com Napoleão Bonaparte a arrebatá-los para o Arco do Triunfo do Carrossel, em Paris, até voltarem, finalmente, a casa, após a derrota do francês em Waterloo.

Apesar de recatada, Aldegundes de Jesus Maria Francisca de Assis e de Paula Adelaide Eulália Leopoldina Carolina Micaela Rafaela Gabriela Gonzaga Inês Isabel Avelina Ana Estanislau Sofia Bernardina de Bragança de Bourbon-Parma — princesa de Bragança e de Parma e condessa de Bardi — nem sempre conseguia sossegar a juventude dos seus ainda magros anos. Casara com apenas 17 com um príncipe amargurado e, meses volvidos, já pranteava o insucesso de uma primeira gestação. Era, todavia, uma rapariguinha, plena das agitações próprias da sua idade, que ainda alimentava dezenas de sonhos por cumprir. No seu juvenil desassossego, cada novidade era vivida com paixão, desde a descoberta dos canais de Veneza, à ária de uma ópera ou ao deslumbre de uma obra de arte.

Culta, educada no zelo da sua família real, Aldegundes de Jesus era amante das artes e do saber. Rimava-lhe pois Veneza na Fé — com zelo e entrega — e na arte, riqueza e opulência. E acima de tudo, alegre e cosmopolita, a sua morada italiana combinava com a sua mocidade, sequiosa de actividade e de animação.

Já Enrico isolava-se, entregando-se a uma vida reclusa e sombria. Não que enjeitasse a ideia de um jantar entre amigos, uma ida à ópera — no La Fenice — ou até a comparência num evento público, mas a sua invalidez limitava-lhe os movimentos e a capacidade de melhor desfrutar da vida.

Os primeiros meses foram os mais fáceis, apesar das saudades de casa e da adaptação ao carácter do marido e ao ambiente italiano. E foram-no porque Aldegundes se apaixonou pelo homem que o seu real destino lhe reservou. A pouco e pouco, porém, certas atitudes menos agradáveis e umas quantas palavras mais secas e ríspidas toldaram a felicidade da sonhadora princesa. Valera-lhe a notícia da sua gravidez, que magras semanas durou. Mas Aldegundes era nova e corajosa. Trazia na alma, à uma, a fortaleza dos germânicos e o calor dos povos do Sul. E era essa dualidade, aparentemente inconciliável, que a armava contra as desfeitas do consorte e lhe amolecia o coração. Hoje estava particularmente feliz. Horas mais ditosas se adivinhavam. Disso estava certa!

— Marcella! — chamou.

— *Signora...*

— Tomaremos pela Calle Frezzeria no regresso a casa. Quero ver o cartaz do La Fenice, saber que óperas traz esta temporada.

— Com certeza, *principessa* — retorquiui. Depois, arriscou inquirir: — E onde apanharemos a gôndola de volta a casa? Em Rialto?

A fidalga soltou uma gargalhada, ciente da embirração da sua dama de companhia com o chão de Veneza e da sua impaciência em pisar as suas lajes emporcaldadas e humedecidas e em atravessar ponte atrás de ponte. Ainda indecisa e sem nenhuma vontade de apressar o regresso, a jovem replicou com um benevolente «logo veremos, Marcella, logo veremos». Apaixonada confessa do *bel canto*, Gunta estava ansiosa por poder ver em palco as mais recentes óperas estreadas na Europa, que as suas irmãs Maria Teresa e Maria José — ambas cunhadas do imperador Francisco José I e presença assídua na corte austríaca — tanto enalteciam. De todas conhecia a história e todas lhe pareciam igualmente apetecíveis: *O Príncipe Matusalém*, de Johann Strauss II, inaugurada no Carltheater de Viena, sob a batuta do próprio compositor; a ópera em quatro actos *Cinq-Mars*, de Charles Gounod, levada pela primeira vez ao palco na Opéra-Comique, de Paris, no dia 5 de Abril passado; ou *O Rei de Lahore*, de Jules Massenet, que debutou no Palais Garnier da mesma cidade, dias depois. Alguma destas haveria de estar anunciada para a esbelta sala veneziana.

Mal dobrada a esquina do Campo San Fatin, logo se vislumbrava a sóbria frontaria do Teatro La Fenice, assim baptizado por haver resurgido das cinzas, após um devastador incêndio que o consumiu a 13 de Dezembro de 1836. Ainda as suas cinzas não haviam arrefecido, já as obras de reconstrução, de acordo com a traça original de 1792, principiavam, para gáudio dos venezianos amantes do *bel canto* e das orquestras sinfónicas que em breve se viam com a sua bela sala, forrada a ouro e frescos, de novo erguida... do borralho.

Sempre à frente da sua aia, a filha de D. Miguel preparava-se para galgar os sete degraus da entrada do teatro, quando se lembrou de um dos rigorosos ensinamentos de etiqueta da sua mãe: uma princesa não corre, senão em caso de extrema gravidade. Pegando nos lados da saia do seu belo vestido arrendado, Aldegundes subiu pausadamente

as escadas do La Fenice, passou sob o pórtico assente sobre quatro colunas de capitéis coríntios, atravessou o portão de ferro preto de flechas douradas e dirigiu-se aos cartazes que ladeavam a porta interior do edifício. Devorou-os num ápice, certa de aí encontrar alguma das últimas novidades operáticas. Mas nada. Do *cartellone* constavam obras como a *Carmen*, de Bizet, de havia dois anos; *Maria de Rudenz*, de Gaetano Donizetti, que estreara precisamente naquele palco em 1838; *La Cenerentola*, de 1817, de Gioachino Rossini; o *Crepúsculo dos Deuses*, de Richard Wagner; e uma série de concertos sinfónicos assinados pelo músico veneziano Antonio Vivaldi.

Desconsolada, a princesa de Bragança endereçou o funcionário da bilheteira, perguntando pelos nomes das óperas que ali tão lamentavelmente faltavam.

— Ah, *signorina*... — começava o homem, quando Marcella de Sammartini bruscamente o corrigiu:

— *Principessa!*

— Com certeza, *principessa* — prosseguiu o homenzinho, de cabelo muito negro e oleoso e bigode igualmente escuro e enrolado na ponta, que cofiava nervosamente. Um rápido relance à bela Aldegundes, de porte confiante e brioso, convenceu-o do estatuto da queixosa. — Perdão, alteza! — continuou, desenhando uma repenicada vénia, tão untuoso no trato como a sua escassa cabeleira. — As obras de que Vossa Excelência fala certamente aqui não tardam. Mas se essas tardam, outras, grandiosas e geniais, eternizaram a grandeza do nosso palco. Foi o caso da *Semiramide*, a terceira estreia oferecida ao La Fenice, quando Rossini era já tido como o mais famoso compositor de ópera de então! E a *Maria de Rudenz*, Vossa Senhoria! Estreada aqui, nesta sala! — alegou emocionado, quase em lágrimas.

— Com efeito. Há meio século — ironizou a condessa de Bardi, que assim surpreendeu o esforçado interlocutor com o seu conhecimento do universo do canto lírico. Todavia, a pobre criatura prosseguiu na defesa da sua dama.

— *Per pietá, principessa!* A quinta ópera de Verdi, *Ernani*, debutou aqui! A primeira das suas obras a ser inaugurada que não no Scala. Já em 1844. E foi um êxito esmagador.

— Não nego — retribuiu Aldegundes. — E outros sucessos verdianos se seguiram. Inegável. Contudo, as novas obras de que se fala...

Atento à conversa, um cavalheiro bem-apegoado, de casaca e monóculo, e chapéu alto na mão, ousou intervir, impressionado com a instrução daquela aristocrata com sotaque estrangeiro.

— Nesta segunda metade do nosso século, o La Fenice não conseguiu igualar o sucesso da primeira, *madame* — disse, curvando a cabeça.

Partilhando da opinião expressa, a princesa estava prestes a alimentar o diálogo, quando um outro conselho materno a assaltou: a realeza não proseia com estranhos. Muito menos com varões. Cautelosa, respondeu com um ligeiro aceno afirmativo, fingindo não estar interessada. O indivíduo sorriu perante o pudor e a honradez de tão perturbante senhora. Curvando de novo a cabeça, em jeito de despedida, encaminhou-se ao átrio do teatro, colocou a cartola e, virando-se para trás, arrematou:

— Finda a dominação austríaca, excelente princesa, e uma vez anexada ao reino da Itália, Veneza transformou-se numa cidade provinciana e exaurida, facto que a impediu de poder concorrer de igual para igual com os grandes teatros de música de Roma, Milão, Bolonha ou Turim.

O sujeito, alourado, trajando de bom corte e com postura superior, descrevendo novo e derradeiro cumprimento, despediu-se — «com a vossa licença» — e desapareceu nas âleas venezianas. Tal como, de seguida, Aldegundes e a sua aia — para desespero desta —, pela ilha fora, calcorreando o trilho de torna ao Ca' Vendramin Calergi.

Ao aproximar-se de casa, a infanta de Bragança pareceu distrair-se subitamente das sábias advertências e correu jardim adentro e escalaria acima, desatando pelo caminho as fitas do leitoso chapéu, agora algo encardido da poeira das velas da bela cidade rodeada por mar do Nordeste de Itália. Precipitava-se Aldegundes ruidosamente, como uma criança, pelo corredor do terceiro piso do palácio, direita aos seus aposentos, quando se apercebeu de que Enrico havia chegado antes de si. Sentado numa poltrona de veludo verde-musgo, à janela do seu escritório voltado a oriente, o príncipe levantara os olhos do jornal que

lia quando foi atrapalhado pela entrada turbulenta da sua ameninada mulher. Carrancudo e aborrecido, nada disse. Fitou-a apenas, com uma expressão de desagrado. Inibida e intimidada, Gunta cumprimentou o marido e recolheu-se ao quarto.

Cerca de uma hora mais tarde, a infanta reentrava na saleta de Enrico de Parma, para lhe fazer saber que o jantar estava servido. Mas aquele dormitava, de jornal pousado sobre os joelhos, os óculos pendendo da corrente que os prendia, por um alfinete, ao colete e a mão direita caída sobre o braço do cadeirão. A visão comoveu a adolescente Gunta, que o sabia revoltado com a sua incapacidade física e penalizado com a perda do filho. Ternamente — certa de que o amor sarava emoções e feitios —, tirou-lhe o periódico das mãos e acariciou-lhe o cabelo. Recolocava-lhe os óculos quando Enrico acordou de um salto e rabujou:

— *Che assurdità!*

Já algo habituada às descortesias do companheiro, embora não lhes fosse totalmente indiferente, Aldegundes procurou prosseguir com naturalidade.

— O jantar espera-nos, Enrico.

— Muito bem. Descerei. Já lá a encontro — dispôs.

Obedientemente, a princesa acatou a directriz com um aceno afirmativo de cabeça e descendeu à sala de jantar, de olhos postos nas águas, no piso abaixo. Passados uns dez minutos, o esposo reuniu-se-lhe, macambúzio e abatido. Gunta esperava-o numa pequena mesa junto à janela, folheando uma revista de labores. Ao vê-lo entrar, levantou-se e acercou-se da mesa. Enrico puxou-lhe a cadeira, Aldegundes sentou-se e agradeceu, uma rotina paradoxal de cordialidade e censura, que caracterizava os dias do casal.

O jantar foi servido. Tomaram-no em silêncio, interrompendo-o, somente, quando em quando. Primeiro, Enrico, com um elogio dissimulado:

— Mudou de roupa...

— Mudei — replicou a mulher. — Vinha empoeirada da rua. Refresquei-me e mudei-me para o serão.

— Onde fostes? — questionou o príncipe, sem levantar os olhos, tentando disfarçar a curiosidade.

— Passear — esclareceu a jovem esposa. — Faz-me bem caminhar. Fui com a Marcella até San Marco, apANHAR ar e rezar uma oração na basílica — concluiu.

Enrico fitou-a, curioso. «Uma oração», murmurou, em tom de interrogação.

— Sim. Sabe bem a razão — explicou. O conde anuiu. — Ah — avançou Aldegundes —, e passei pelo La Fenice.

— Pelo La Fenice? — inquiriu o marido, deveras confuso. — Ora essa! Numa tarde de terça-feira? Mas porquê?

— Para me inteirar da nova temporada! — aclarou a princesa na sua infantil frescura. — Esperava ver agendadas as novas óperas dos maestros austríacos e franceses...

Enrico olhou-a surpreso. E, lançando a cabeça para trás, soltou uma sonora gargalhada.

— Há muito, minha cara, que as grandes novidades deixaram de aqui chegar depressa — comentou. Aldegundes enrubesceu, envergonhada. — Não se acanhe, não fazia troça de si. Estrangeiro algum tem noção da actual situação de Veneza. A cidade está empobrecida e perdeu prestígio internacional. Poderá vê-las na Áustria, no Outono.

— Só lá tornamos por essa altura? — questionou a infanta, curiosa.

Enrico alçou o sobrolho, alertado para a possibilidade de alguma boa-nova: — Traz algo por me contar? Notícias de...

— Não, Enrico. Ainda não — atalhou Aldegundes. — Mas estou certa de que em breve o Senhor nos agradecerá. Apenas me alegrou a ideia de aqui passar todo este Verão. Veneza é tão divertida! E o clima, estupendo!

— Nem tanto, Aldegundes. Nem tanto. Em Agosto a humidade torna-se insuportável! Talvez aqui no resguardo do Vendramin seja mais tolerável.

— Mas eu quero sair! — irrompeu a jovem, determinada, para espanto do marido, que arqueou as sobrancelhas, por sob as lunetas. — Quero caminhar. Preciso de caminhar! A dolência não me é conveniente. Não, se queremos que eu...

— Aquiete-se — sossegou o príncipe. — Há-de passear o que necessitar. A Itália é mais livre e menos moralista do que a sua Áustria. A Marcella acompanhá-la-á onde lhe aprouver, se é de passeios que carece...

— Grata pela consideração — finalizou. — Bem sei que em Seebenstein tenho a mãe e as manas, e as memórias do papá, mas aqui...

— Mas Itália é Itália! Nada se compara à minha Itália! Não há sol, nem gente, nem comida como no berço dos Césares! — findou, satisfeito.

— Nem óperas! — ajuntou a mulher, admiradora arrogada dos trabalhos de Rossini, Donizetti, Bellini e Verdi.

— A ópera é bela, sim, *carissima*. Agora, sabe como sou avesso a eventos públicos — informou Enrico. — E à noite não lhe é lícito sair sem a minha companhia. Dama nenhuma de bem vagabundeia pela noite sem o marido. Nem em Itália!

— Nunca tal me passaria pela ideia, estimado marido! — apresou-se a aclarar a princesa de Portugal. — E, naturalmente, tenho bem presente o motivo da sua desafeição por acontecimentos com audiência. Mas vem aí a *Carmen*, a *Maria de Rudenz* e a *Cenerentola*! A uma que seja haveremos de assistir, por Deus Nosso Senhor!

— Não lhe é habitual semelhante firmeza, que até as minhas sentenças contesta, Senhora Dona Aldegundes! — criticou, aborrecido com a ousadia da mulher, o conde de Bardi.

— Queira perdoar-me o senhor meu marido — escusou-se, humildemente, a jovem. — É que ando melancólica e acabrunhada. E a música sempre me distrai. Ademais, é uma tradição dos Löwenstein-Wertheim cultivar o gosto pelo...

— Basta, basta! Estou sobejamente familiarizado com os seus gostos e os da sua real família. E a gôndola amarra a dois passos da porta... Pois bem, escolha uma! Iremos a uma representação. Mandarei o Giacomo reservar os lugares.

Aldegundes de Jesus sorriu. Dobrou a cabeça em mudo agradecimento. Estava delirante. E particularmente bela, nesse serão estival. Após o passeio, a jovem mudara para um vestido mais informal, apesar

da hora vespertina dessa última refeição. Para a ocasião, a princesa seleccionara um modelo que copiara a uma revista parisiense, e o qual seguia os novíssimos ditames da moda. De acordo com esta, o vestido combinava um corpete — muito justo — branco e liso, de gola levantada recortada e debruado a vermelho, com curtas manguinhas de balão, igualmente arrematadas a carmim; deste nascia a saia de riscado vermelho e cinza, subida atrás por uma *tournure*. Trazia o cabelo, como usualmente, preso atrás numa trança enrolada — coroada por um prudente gancho florido — e com uma pequena franja encaracolada. Duma fita de veludo encarnada chegada ao pescoço, pendia-lhe um medalhão que agasalhava as fotografias dos pais. E o sorriso que a iluminava nessa noite quase diluía a habitual melancolia do seu olhar.

Tal perfeição não escapara a Bourbon-Parma, embora calasse em si as esperadas palavras de aprovação. O seu olhar, contudo, nada deixara por dizer. Aldegundes apanhara-o por diversas vezes ao longo do jantar a mirá-la embasbacado; a ler-lhe os contornos com o olhar quando a mulher se levantou para ir buscar-lhe um remédio de que se esquecera. Ainda que restaurada do desgosto que sofrera, a princesa de Parma perdera muito peso, que faltava recuperar. A sua silhueta denunciava-o, acentuando-lhe a delgada cintura. Talvez o radioso contentamento da sua consorte neste dia tivesse despertado Enrico para a sua beleza. A felicidade tem o condão de salientar as qualidades e esbater os estorvos.

Terminada a ceia, o casal tomou à sala de jogo para o nobre italiano saborear o seu charuto. Gunta, como sempre, fez-lhe companhia, enquanto folheava uma revista que discorria sobre as várias vertentes da Belle Époque, da arte à moda. Lá fora, um gondoleiro entoava uma doce canção tradicional italiana para um casal de noivos estrangeiros — louros como o feno —, em lua-de-mel. A infanta de Portugal começou também a cantarolá-la baixinho.

— Conhece a letra? — admirou-se o marido.

— *Un po'!* — brincou a jovem. — Em Roma, sê romana! O que, aliás, é um prazer, já que gosto de tudo o que é italiano.

— De tudo, diz? — interrogou o conde com amável malícia. Cândida, a mulher não entendeu a insinuação.

— Bom, de quase tudo, creio — respondeu, vacilante, incerta do significado das palavras do cônjuge. — Mas posso assegurar-lhe que Itália me entrou no coração. Apaixonei-me por este país, pela sua cultura e tesouros artísticos. Pela música. Pela comida. Por...

— Por Veneza? — lançou Enrico.

— Por si — afirmou Aldegundes ousadamente, receosa de ter cometido algum pecado, desviando-se da cartilha materna, que nem dera a si mesma tempo de consultar em segredo.

O príncipe de Bourbon-Parma deteve-se uns instantes, logo se erguendo, apoiado na sua indispensável bengala de ébano embutida, e aproximou-se da portuguesa. Tão próximo dela se acercou que podia sentir-lhe o calor da respiração. Assim se quedaram. Em silêncio. Por o que se lhes afigurou uma eternidade. Foi o oficial que interrompeu o mutismo:

— Por mim...

— Por si — reafirmou a filha de D. Miguel de Bragança. E preparava-se para retomar a palavra quando Enrico a impediu, colocando-lhe suavemente um dedo sobre os lábios. Estendeu-lhe então o braço, que Gunta de pronto tomou, rimando-lhe no lento e cadente passo pelo corredor, até às escadas, degrau a degrau.

— Que calor faz! — observou, nervosamente, o marido. — Mandou abrir as janelas?

— Abri-as eu — ilustrou a consorte.

— As do seu quarto? — ainda quis saber o príncipe.

— Sim. E as do seu — perguntou Aldegundes, logo cedendo à curiosidade: — Acompanho-o ao seu?

— Não. Acompanho-a eu ao seu — arrematou o fidalgo.

De todas as noites que comungaram, esta foi provavelmente aquela em que Enrico mais a amou. A mais terna. A mais calorosa. A mais longa. E a primeira em que o italiano ousou falar a sua paixão. Foram ditas palavras, trocados beijos, suados gestos.

De corpos colados e mãos inquietas, confessaram-se sonhos. Calavam-se já as trevas lá fora quando o fogo se aquietou. Uma leve brisa se erguera, entrementes. A princesa de Portugal mostrou tenção de encerrar as janelas. Enrico não deixou: não a deixou levantar-se, não

a deixou vestir-se, não a deixou deixar Veneza do lado de fora, já que Veneza se instalara — como a mulher lhe dissera — no seu seio. Nesta ocasião, o príncipe não regressou aos seus aposentos, permanecendo no leito da amada até o sol do Veneto voltar a subir nos céus — nesses límpidos céus de Veneza.

Já a manhã ia madura quando o casal despertou. Dispensando um ligeiro carinho à mulher, Enrico partiu para o seu quarto, amparado ao bordão de madeira nobre. Aldegundes ouviu-o pela galeria fora, brandando ordens aos criados. Então, sem afogo, vestiu um leve robe de cetim lilás, orlado a rendas-de-bilro (que a sua irmã Maria Teresa lhe enviara pelo Natal passado), aprontando-se para chamar uma aia que lhe preparasse o banho. Antes, contudo, que o pudesse fazer, já Marcella lhe batia à porta, a saber se a *principessa* necessitava de alguma coisa. Depois, enquanto esperava por que a água aquecesse e lhe enchessem a banheira, foi separando o que vestir.

Era já tarde, finava-se a manhã, e estava fatigada, pelo que lhe convinha uma *toilette* mais prática e confortável. Todavia, após o tálamo da véspera, pretendia agradar ao marido. Escolheria algo situado entre o ardor do seu desejo e a modéstia dos alvitres da mãe. Hesitante entre um vestido verde-seco e outro amarelo-desmaiado, acabou por optar por este último.

Tratava-se de uma confecção italiana, em tafetá, de saia lisa, pregueada somente no apanhado de trás, que enfeitava com um amplo laço da mesma tonalidade. O corpete era adelgado, de decote redondo cavado, e as breves mangas franzidas com um elástico. Era todo abainhado a branco-pérola. No cabelo usaria... bom, vê-lo-ia mais tarde. Agora, era hora de se imergir nas águas que já ferviam na sua bela tina de pés de leão. Desta feita, Gunta banhava-se sem pressa, trauteando a canção napolitana que ouvira na noite anterior ao gondoleiro, sob as janelas do palácio.

Findo o aprazível ritual e depois de Marcella a auxiliar a enfiar-se no soalheiro modelo designado, sentou-se ao *psyché* a escovar os seus longos cabelos. Escuros, como os da mãe e como os do pai.

Sorriu nostalgicamente ao recordar-se de ambos: do pai, de que conservava remotas memórias de infância, e da mãe, que se quedava

no reduto bragantino de Seebenstein, com as duas filhas mais novas — Maria Ana e Maria Antónia, ainda adolescentes e solteiras.

Nesse dia, a infanta só voltou a ver o marido à hora da janta. O príncipe fechara-se no estúdio a ler jornais e a responder a missivas e a jovem não se atrevia a interrompê-lo. Não obstante, não esmoreceu o alento. Almoçou com salutar apetite a *spaghettatta* do cozinheiro Fabrizzio, bordou, jogou às charadas com a *signorina* Marcella e apanhou ar no simpático jardim francês do Calergi. Aí repousou, deixou-se dormir num canapé à sombra de uma árvore, de livro aberto no regaço. Por fim, subiu, refrescou-se, colocou no cabelo a rosa amarela que colhera num canteiro e rumou à sala de jantar. Desta vez, Aldegundes adiantou-se a Enrico. Esperava-o à varanda, a contemplar o frenesi do Grand Canal: as idas e vindas dos *gondolieri* com os seus cânticos, os gritos dos mercadores que cruzavam as águas nas suas barcas, as cores vivas das sombrinhas das damas que se passeavam nas fidalgas embarcações pelo mar de Veneza. Quando se acercou da mesa, o conde não se apercebeu da presença da sua mulher, encoberta, quiçá, pelas cortinas que a brisa sacudia. Mas Gunta ouviu-o chegar e entrou.

— Boa noite, meu marido — avançou.

— Boa noite — replicou Enrico, secamente.

O príncipe serviu-se de um Ronchedone tinto. Escusando-se a olhá-la, serviu a mulher. A princesa agradeceu. O mordomo — Giancarlo Pratti, conde di Cesana —, que aguardara na antecâmara pela hora da refeição, mandou trazer a sopa. Comeram-na emudecidos. Pouco depois, regressava o próprio Giancarlo com uma salva coberta, anunciando, enquanto levantava a tampa:

— *Questa sera, principessa*, o Fabrizzio fez uma *pizza* para Vossa Alteza!

Enrico e Aldegundes admiraram o prato. Entreolharam-se. Riram divertidos. A jovem gracejou, prometendo ao marido que só o deixava comer uma fatia. Riram-se de novo. Não havia história de uma *pizza* na mesa do Palazzo Vendramin! O *chef* napolitano, contudo, lisonjeado por tomar conhecimento — através da baronesa de Avena — de que a senhora de Bourbon-Parma era apreciadora da cozinha italiana, quis

brindá-la com aquele pitéu da sua Nápoles. Ele, que tão injustamente a julgara desinteressada dos sabores mediterrâneos, habituada à insipidez da comida alemã! E, assim, procurava redimir-se do injusto julgamento com uma iguaria popular, antes comida de pobres: *la bella pizza!* Um dos criados que serviam à mesa, o jovem e louríssimo Tullio, ainda perguntou se os senhores príncipes desejavam o outro prato que o cozinheiro havia, por segurança, preparado. Mas o principesco par foi peremptório e logo declarou que não, que não seria preciso mais nada e que a *pizza* era um manjar dos deuses.

— Ora que ideia a do Fabrizzio! — reparou o conde. — *Pizza!* Um prato comum! Bom, pois se o próprio Dumas fala das variedades desta nas suas obras, porque não comer-se *pizza* na casa dos príncipes de Bourbon-Parma?! Que jantar do outro mundo: *pizza* e a minha mulher vestida da cor do sol!

Perplexa por o marido, que parecia tão alheado da sua pessoa, ter reparado no que trajara para a ceia, Aldegundes sentiu um rubor queimar-lhe o rosto. Indecisa sobre o que dizer, sorriu singelamente a Enrico, em troca do que aparentava ser uma loa. Enrico sorriu-lhe de volta: incenso feito, incenso aceite. E logo retomou o tema da *pizza* e que bela ideia seria convidar amigos da corte piemontesa para jantar e oferecer-lhes simplesmente *pizza!* Gunta achou muita graça ao inédito projecto e sugeriu que se o ensaiasse.

— Ah, esquecia-me de a avisar de que a minha irmã Margherita vem com as filhas passar umas semanas connosco aqui no palácio.

— Excelentes notícias, Enrico! — iluminou-se a jovem.

— Com ela vem ainda uma ama para os petizes, de modo que pode aproveitar para prorear com a minha irmã e dar os tais passeios por Veneza de que tanto gosta.

— Mal posso esperar — assegurou a jovem, embora um pouco temerosa de não agradar à família do marido. — E que aposentos lhes devo aprontar?

— A ala sul, sobre o jardim.

— E os criados, quantos os acompanharão? — indagou.

— De tais detalhes, só mais perto da data os saberei — especificou o príncipe.

— Amanhã mesmo começarei a organizar os preparativos — certificou ela. — Já se sabe quando chegam?

— Daqui a duas semanas. O dia exacto ainda não sei. Mas vá já verificando as datas das óperas, que alguma há-de calhar quando elas cá estão.

— A *Carmen*! A *Carmen* já está em cartaz. E continuará certamente durante a estada da sua nobre irmã.

Enrico sorriu ao tratamento elevado que a mulher concedeu à sua família. Sorriu pela consideração, mas sorriu também por se dar conta, como tantas vezes, de que estava casado com a filha de um rei e, como tal, avezada a títulos e a distinções. Sem, no entanto, denunciar o espanto que a condição da sua mulher lhe causava, prosseguiu:

— Ora aí está! Ora aí tem a sua companhia para a ópera! Com alguma sorte, ainda apanham a estreia da próxima.

— E o meu marido não nos acompanhará? — inquiriu ela.

— Sabe bem a dificuldade que tenho em movimentar-me — lembrou, fitando-a, à espera da sua reacção.

— Estou bem ciente da vossa contrariedade. Mas pensei... esperei que viesse comigo — concluiu.

— Sou uma péssima parceria para dramalhões! Com a Margherita e a filha mais velha, a Branca, fica mais bem servida — galhofou o príncipe, num sorriso aberto que raramente se lhe via.

E como lhe alumia o rosto e aqueles olhos de um azul intenso que agora a prendiam. Aldegundes quis poder dizer-lho. Dizer quão encantador o achava. Quis poder tocar-lhe, abraçá-lo. Mas a segura com que o príncipe fazia questão de a manter à distância — por defesa ou por frieza — inibia-a de agir. A agravar os seus receios e inseguranças, estava a omnipresença dos ensinamentos conventuais da sua própria mãe. Deu-se então conta de que Enrico a fitava. Teria ele dividido as suas intenções e indecisões? E a quem obedecer: ao ímpeto ou ao pudor?

O marido, entretanto, dirigira-se à saleta, para tomar o seu digestivo rotineiro e fumar um charuto.

— Se quiser fazer o favor de me seguir, poderemos continuar a nossa conversa — lançou.

— Como não, meu marido? — aprestou.

De início, Aldegundes oferecia-se para seu amparo, dada a invalidez de Enrico. Cedo, no entanto, aprendeu que a sua diligência mais acentuava a incapacidade do parceiro e se absteve de o fazer. A não ser que o seu auxílio fosse solicitado pelo próprio. Nesta circunstância, Enrico nada pediu. Aldegundes caminhou a seu lado, ajeitando a flor que se lhe soltava dos cabelos. O príncipe buscou um charuto na caixa sobre a mesa, enquanto a jovem mulher lhe preparava o porto. Um bafo cálido entrava pela janela, entreaberta. Gunta acercou-se desta, deixando o marido entregue aos seus rituais. O mar ia lento e morno, arreliado das batidas dos remos dos gondoleiros. Salpicado de luz, pelas lanternas das embarcações, lamuriava-se ao chegar à margem. De um lado e de outro do canal, as casas perfilavam-se iluminadas. Era impossível não amar Veneza!

Aldegundes sentiu o braço do marido cingir-lhe a cintura, puxando-a a si.

— Em que pensa? — perguntou, curioso.

— Em como não se pode deixar de amar Veneza! — retorquiu Gunta, prontamente.

— O mesmo se diz de Roma... — ajuntou o italiano.

— Não o sei dizer — lamentou a jovem, sem se virar. — Não conheço Roma.

— Aí está um pecado mortal: não conhecer Roma — galhofou o marido. — Tem de resolver-se essa falta.

— Ir a Roma? — voltou-se a princesa, num entusiasmo acriancado.

— Faz-se um desvio a caminho de Parma. Findo o Verão e o brazeiro — propôs o nobre. — Mas, por ora, venha até aos meus aposentos. Tenho algo para lhe entregar.

Aldegundes de Jesus olhou-o silenciosamente durante alguns instantes. Rendida e cândida. Ele sentiu-a ler-lhe o semblante. Ambos quietos até as palavras, por fim, sobrevirem: — Vamos, então — anuiu a infanta.

No trajecto — ao lento compasso da invalidez de Enrico — evocou-se de novo o episódio da *pizza* de Fabrizzio: a piada da ideia, a delícia

do sabor, o anómalo da situação. Entre risos e elogios à mestria do cozinheiro, aproximaram-se do apartamento de Bourbon-Parma. O príncipe abriu a porta e recuou ligeiramente, cedendo a Gunta a primazia da entrada. Depois, encaminhou-a até à sua magnífica secretária de mogno marchetada, que herdara do pai, duque de Parma e Piacenza. Sobre esta, ao lado de um bonito tinteiro de prata, repousava um envelope lacrado. Enrico tomou-o, entregando-o à esposa, que o recebeu, alheia à sua natureza e significado.

Gunta mirou-o atentamente, em busca de algum sinal que denunciase o seu conteúdo, mas as letras do selo sumiam-se no lacre, onde parecia adivinhar tão-só os contornos de uma ave. Intrigada, levantou os olhos para o marido, esperando deste alguma pista. Por instantes, debateu-se sobre como actuar. Na ausência de indicações, contudo, resolveu-se a perguntar:

— De que se trata, Enrico?

— O símbolo não lhe é familiar? — entreteve o conde.

— Não. Parece um pássaro... — reflectiu a jovem. — Não estou a ver. Talvez no remetente... — lembrou a princesa, virando o sobrescrito, em que logo se destacou o timbre da insígnia do Teatro La Fenice e o nome do marido escrito à mão. Aldegundes arregalou os olhos, varrida por uma meninil animação, que se esforçou por conter. As perguntas, porém, jorraram como águas vivas: Seriam bilhetes? Mas para que ópera? E para quem? Para os seus ilustres cunhados?

— Abra! Logo verá esclarecidas as suas dúvidas.

Aldegundes de Jesus soltou cautelosamente o selo e retirou do envelope dois bilhetes acompanhados de um cartão, endereçado a «Sua Excelência, o Príncipe de Bourbon-Parma». Não o leu; passou-o ao marido. Depois, fitou os ingressos: *Carmen*, tinham gravado. A jovem alvoroçou-se. Eram apenas dois.

— Entradas para a *Carmen*! Mas não falta um, meu marido? — questionou, confundida. — Não deveriam ser três?

— Com efeito. Assim será para a próxima ópera. A esta, irá comigo — informou Enrico, com um leve sorriso no olhar.

A face da princesa incendiou-se de júbilo, ainda indecisa, contudo: — E o seu contratempo, Enrico? Como faremos?

— Como lhe disse, a gôndola pára à porta. Acudiremos mais cedo ao teatro, pela entrada do canal. Amparar-me-ão no acesso ao camarote. Às demais óperas acompanhá-la-ão, então, as minhas familiares.

A bela infanta de Portugal demorou-se nas suas emoções, dividida, uma vez mais, entre a vontade e o dever. Enrico sentara-se, entretanto — para aliviar as castigadas pernas —, numa extremidade da poltrona próxima da escrivaninha, no vão da janela rasgada sobre o mar. Por entre os véus ondulantes da aragem marítima, crescia altivo o arco mainelado da ventana clássica. Anoiteciam os céus, já Veneza se agitava, pejada de candeias e de gente engalanada, num rodopio de passos e gôndolas de acordar o Olimpo. Aldegundes escutava-lhe, noite após noite, aquele apelo à festa, mas resignava-se à sua condição de mulher dedicada a um marido enfermo e macambúzio. Nessa veldada, porém, o convite à animação chegara-lhe inesperadamente pela mão improvável do próprio príncipe — o que mais lhe amornava a alma, sabedora da coragem que tal empresa àquele acarretaria. E foi assim, agradecida, que de *Habanera* a soar no ouvido, se assentou ao seu lado, lançando-lhe impensadamente — uma vez sem exemplo — os braços ao pescoço, enquanto repetia palavras de gratidão.

Perplexo com o gesto da consorte, o príncipe de Bourbon-Parma, aquietando os seus impulsos quentes de latino, abraçou-a sem aperto, sentindo-lhe, todavia, a quentura da pele das costas destapadas.

Ainda enlaçados, a melosa voz de um gondoleiro a entoar o *Torna a Surriento* subiu-lhes à privacidade da alcova. De que dom missionário haviam sido investidos estes trovadores nómadas, que pareciam apostados em distribuir serenatas pela ilha fora e em inquietar o menos romântico dos seres? Inspirar-lhe beijos, suar-lhe as mãos? E, ao som de *E tu dice: «Ìparto, addio! T'alluntane da stu core... Da sta terra de l'ammore, Tieno 'o core 'e nun turnà?»*, Aldegundes de Jesus, infanta de Bragança, filha d'el-Rei D. Miguel I, começou a admitir a magia de Veneza. Nessa magia que lhe atenuava as sombras do Inverno de Seebenstein, que procurava esquecer.

II

*Em estado  
de graça*





**M**eses antes, nada fazia antever a chuva de emoções que se precipitaria sobre o lar da viúva de D. Miguel de Portugal, num romântico recanto da Áustria, onde os príncipes de Bourbon-Parma passavam os dias frios. O ano principiara sorridente, com a promessa de tempos venturosos, iluminando o Inverno carrancudo do paço de Seebenstein. Tudo começara numa manhã fria e sombria, com a descoberta de que a jovem princesa estava de esperanças! Aldegundes recordava-o agora, já a sua mágoa serenada, revivendo cada momento, cada riso, cada lágrima.

O quanto ansiara Gunta por semelhante notícia! Confirmara-a o doutor Schröder, físico dos Löwenstein. Naturalmente, já o suspeitava, mas o velho médico comprovara então o motivo do seu mal-estar e das suas tonturas. Levasse embora escassos meses de casada, a princesa chorava já pelos cantos a triste sina de não engravidar. Nesse dia, porém, a sua angústia aquietara-se. Finalmente poderia anunciar ao marido a chegada de um herdeiro que lhe continuasse a linhagem e o título. Talvez assim Enrico de Bourbon-Parma pudesse esquecer as suas feridas de guerra e adoçar aquela amargura que lhe escurecia a face e a vida.

Retirado, por fim, o gasto Schröder, a filha de D. Miguel de Portugal quisera saborear, por instantes, sozinha e em quietude, a boa-nova.

Deixara cair as suas lágrimas de felicidade sem ter de as disfarçar, como impunha a sua disciplinada educação germânica. Encostada à larga janela do seu quarto, perdera-se assim a olhar a encosta que se estendia até às margens do rio Schwarza. Cobria-a a neve de Janeiro. Desse Janeiro de 1877. Frio e enfadonho. Tão frio e enfadonho como a alcáçova onde vivia. Mas a paisagem era bela. Enchia-lhe o olhar. A pequena e idílica aldeia no sopé do monte era rodeada por densas florestas e pequenas montanhas. Chamavam-lhe a «Gema do Vale de Pitten». Era ali que se erguia orgulhoso o velho Castelo de Seebenstein. E era este que servia de lar à família exilada de D. Miguel de Bragança e de D. Adelaide de Löwenstein, a que a jovem sempre regressava com gosto, saudosa da sua imponência, dos seus cheiros, da paisagem que dele se avistava.

Uma vez saciada a vista e inundada de contentamento, Aldegundes de Bragança olhara-se ao imenso espelho de ébano que se alçava a um canto da alcova. Pondo-se de lado, pousara a mão sobre o ventre, em busca de um sinal já visível da sua tão desejada gravidez. Contudo, a sua gestação de somente um mês ainda não se revelava no seu físico. Nesse seu corpo juvenil e belo. Mas Aldegundes não cabia em si de contente. Sorria ao espelho e à sorte. Sorria à vida. Pouco importava o gélido e prolongado Inverno que ia lá fora. Nesse dia, era a mulher mais feliz do mundo!

Tão feliz, que se achou bela. E como o era! A filha de D. Miguel trazia no porte o ceptro do pai e nas feições a formosura da mãe. O seu rosto era pálido e delicado. Os olhos, castanhos e amendoados, eram algo melancólicos. A boca, suave e cor de romã. E o nariz, pequeno e perfeito. Usava os seus cabelos castanhos sempre presos atrás, com uma curta franja que teimava em enrolar-se. Dos lados caíam-lhe umas pequenas vírgulas naturais, e o conjunto concedia-lhe uma aura de serena majestade. De grandeza soberana num corpo de rapariguinha, dessa rapariguinha que, por vezes, se sobrepunha à solenidade da sua posição, tornando-a igual a todas as moças da sua idade, nobres ou plebeias.

Mirando-se ainda ao velho espelho, a princesa segurara a saia com ambas as mãos, virando-a para um lado e para o outro, começando

a dançarinhar pelo quarto, acanhado e austero, mas que nesse dia da graça do Senhor lhe parecera o salão de baile do Palácio de Schönbrunn! Habitualmente contida — fruto da sua severa educação germânica —, deixara agora transparecer a infantilidade e o alvoroço dos seus 18 anos.

Criada no grão-ducado de Baden, Baden-Württemberg, pela mãe alemã, que lhe ensinara tarefas tão díspares como lavar a roupa à mão e ler Homero, Aldegundes de Jesus regia-se por rígidos códigos de conduta. Afinal, era filha de um rei — deposto e exilado, mas, ainda assim, um rei! — e de uma princesa. O pai, D. Miguel I de Portugal, morrera poucos dias após o seu oitavo aniversário, vendo-se a sua jovem mãe, a princesa Adelaide de Löwenstein-Wertheim-Rosenberg, a braços com a educação dos filhos menores, pesasse embora a ajuda da filha mais velha, já adolescente. Aldegundes era a quinta filha do *Tradicionalista*, e a única dos sete irmãos, curiosamente, a não trazer Maria no nome. Trazia-o, no entanto, na alma, com o seu escrúpulo católico, como trazia, paradoxalmente, a agitação própria da sua jovem idade.

O príncipe de Parma, contudo, era sisudo e circunspecto. O ferimento sofrido nas guerras de Espanha deixara-o semiparalisado, privando-o de se mover agilmente e, por consequência, de se divertir. Dizia quem o conhecera que Enrico fora um homem descontraído e risonho antes do acidente bélico que lhe causara a sua parcial invalidez. Mas, quando o casal se desposou, em Salzburgo, a 15 de Outubro de 1876, já Enrico Carlo Luigi Giorgio de Bourbon-Parma carregava o calvário dos ferimentos sofridos na Batalha de Lacer.

Segundo filho do duque Carlos III de Parma e da princesa Luísa de França, o conde de Bardi levava à data 25 anos de idade e havia enviuvado tragicamente da sua primeira mulher, a jovem princesa Maria Luísa de Bourbon-Duas Sicílias, havia apenas 34 meses. Enrico era belo e atraente, mas tristemente sombrio, temperamento que contrastava com a alegria e a vivacidade da sua jovem mulher, a qual teve de aprender a aceitar as suas diferenças e a moderar a chama da sua alvorada. Mas a novidade daquela manhã certamente deixava adivinhar tempos mais ditosos.

Tal perspectiva trouxera-a de volta à sua acutelada conduta bávara, recordando-lhe o dever do momento. E assim, detivera-se, compusera

o cabelo que se lhe soltava do apanhado, cobrira os ombros com um quente xaile de lã castanho — que combinava com o vestido de xadrez miúdo — e dirigira-se aos aposentos da mãe, a quem contaria a novidade. Celebraram-na em privado e discretamente, mãe e filha, como agora lembrava, de olhos humedecidos:

— Confirmou-o o doutor Schröder? Que alegria, minha filha. Que alegria! Louvado seja Deus!

— Ainda não estou em mim, *Mutti!* Cheguei a pensar que nunca iria ser mãe — replicara a pequena, lançando-se nos braços da mamã, que lhe acarinhou o rosto.

— Deus é grande, Gunta. E tudo tem o seu tempo. Nós é que nem sempre entendemos os Seus desígnios. Mas agora corre a dar ao meu genro a boa-nova, que certamente muito o alegrará.

— Nem sei como começar... — desabafara a jovem, em tom de súplica.

D. Adelaide atendera ao seu apelo, aconselhando-a devidamente sobre como proceder, partindo então a adolescente a dar a notícia ao príncipe de Parma. Enrico sentava-se à janela do seu acanhado estúdio. Lia um jornal italiano já com dois dias, que o irmão Roberto lhe enviara de Itália. A entrada repentina da sua mulher, sorridente e alegre, incomodara-o, ele nada dizendo, contudo. Olhara-a por cima dos óculos e regressara à leitura. Mas Aldegundes não se retirara, nem apagara o sorriso do rosto:

— Enrico...

— Diga — resmungara, secamente. — O que me quer?

— Tenho algo para lhe contar — adiantara a jovem.

— Pois então, conte! — disparara.

— Venho anunciar que o que tanto desejámos aconteceu por fim — dissera a nobre, com uma alegria que nem o habitual mau humor do marido conseguia desmaiar.

— De que fala? O que tanto desejámos nós? — perguntara impacientemente Enrico, quando de súbito adivinhou a novidade: — Um filho?

— Sim, meu marido. Um filho! — esclarecera Aldegundes, de olhos humedecidos. — Finalmente. Quando já eu desanimava...

Mas o italiano interrompera-a, ansioso: — Está certa?

— Certíssima — assegurara a princesa. — Confirmou-o o doutor Schröder.

— Schröder?! — agitou-se Parma. — O Schröder veio vê-la? Mas por que diabo não me avisou?

— Porque quis ter a certeza. Não lhe queria dar falsas esperanças, Enrico — concluía.

— Está bem. E para quando o grande acontecimento? — inquirira, já risonho.

— As regras têm pouco atraso. Deve nascer nos finais de Setembro — informara a agraciada jovem.

Nessa noite, evocava agora a princesa enternecida, houve festa no lar dos Braganças desterrados. Tiraram-se das arcas as melhores toalhas, servira-se uma refeição mais apurada e abriram-se garrafas. Brindara-se à saúde do novo príncipe, nesse só e soturno mas digníssimo castelo dos Braganças.

Consumida pelos anos, a arcaica fortaleza permanecia inabalável. Sobrevivera às guerras com os turcos. Nas suas altas e frias paredes, liam-se os vestígios de períodos tão díspares como o século XI e o século XVI. Nua, cansada pelos séculos, dominava o horizonte, qual cenário de um romance de cavalaria. Fora aqui que Aldegundes de Jesus crescera com os seus pais e os seus irmãos. Aqui brincara. Aqui aprendera a ler, a escrever, a bordar, a cuidar do lar. Aqui rira. Aqui chorara. Aqui encontrara encanto, na frieza das paredes, altas e despidas, e acabara por amá-las como suas. A austeridade do velho forte, no entanto, destoava da vida e do burburinho da alegre aldeia que se lhe estendia aos pés, com as suas casinhas pitorescas sobre as águas do rio.

A mãe e o pai nunca deixaram que a história e a importância do lar que a vida lhes destinara caíssem no esquecimento, recordando-as vezes sem conta à sua numerosa prole. O Castelo de Seebeinstein situava-se no distrito de Neunkirchen, no estado da Baixa Áustria, numa das mais antigas povoações da bacia de Viena. O seu nome foi pela primeira vez mencionado oficialmente em 1094, como «Niuwenchirgun». Devido ao intenso comércio da povoação e ao seu direito de cunhar moeda, tornara-se um dos locais comerciais mais relevantes do século XII.

A sua cidadela seria fundada em 1045 por Gottfried von Wels-Lambach, adquirindo finalmente o nome de Seebenstein, em 1170. Nos séculos seguintes teve vários proprietários, passando de praça-forte a clube privado e, por fim, a habitação. Após o casamento, a 24 de Setembro de 1851, de Adelaide Sofia com o rei exilado D. Miguel de Portugal, Seebenstein tornou-se a sua residência e, por ordem do imperador Francisco José I, solo português, através do princípio da extraterritorialidade.

O castelo era composto por uma parte antiga, munida de uma torre de menagem redonda e um palácio medieval em ruínas, bem como uma ala posterior, dos séculos xv e xvii. Quantas vezes ali haviam brincado Aldegundes e os seus seis irmãos, encenando cenas tiradas de livros de Walter Scott, de Miguel de Cervantes, d' *Os Lusíadas*, de Camões! Pois naquela manhã invernosa, todos esses episódios lhe rodopiaram na memória, neles vislumbrando o dia em que os seus próprios filhos galgariam muros e empunhariam bravamente espadas de madeira em lutas contra adversários imaginários.

Uma vez celebradas as ditosas lembranças, a princesa de Bragança e Bourbon-Parma, farta do isolamento da sua alcáçova, decidira descer até à aldeia. O júbilo que a inundara parecia não caber nas pesadas paredes da sua casa real. Queria ver gente, passear à beira-rio, comprar flores e fruta. Quem sabe, não descobriria nalguma pequena loja aldeã a primeira roupa do seu filho?! Pedira então à mãe que lhe cedesse uma das velhas e familiares criadas, que a acompanhasse nesse seu giro.

— Bom, a manhã parece amena. Nem se prevê que neve — cogitara a senhora de Seebenstein.

— É o que me parece, minha mãe — concordara a filha.

— Não vejo porque não possas distrair-te um pouco. Leva a Hiltrud. Não vai fazer-me falta — sugerira a mãe.

— Ou a Ludwiga! — alvitara a princesa.

— A Ludwiga não! — repreendera D. Adelaide, determinada. — É muito jovem. O teu marido não ia gostar que te fizesses acompanhar de tão imatura e inexperiente criatura!

— Está bem, mamã — aceitara Aldegundes obedientemente, com o mesmo respeito incontestado com que uma criança acata as ordens da mãe.

— Vai agasalhada que o sol ainda está fraco. Leva luvas, cachecol e a capa de fazenda — aconselhara, em tom de disposição.

— Mas a capa é azul-escura! Não condiz com o verde do vestido que trago! — lamentara a rapariga.

— Ora, valha-nos Deus, Aldegundes de Jesus! — arrelhiara-se a matriarca dos Braganças, levando as mãos à cabeça. — Que importa se condiz ou não? Interessa é que não te constipes, para mais na tua condição. E depois, discordo: o verde vai muito bem com o azul-escuro.

— É que o vestido tem uma risquinha vermelha... — ainda ousara a filha.

— Agora passa a ter também uma azul! Pelo que vejo, a minha filha ainda não amadureceu. Faço ideia, tu sozinha em Veneza, sem ninguém que te oriente, que o teu consorte não é homem para cuidar dessas questões — rezingara a viúva do rei de Portugal.

— Lembre-se de que eu já sou uma mulher casada, já tenho marido e oriento uma casa.

— Pois nem parece — ripostara D. Adelaide.

— Mas não se aflija, minha mãe, que eu levo a capa — aceitara Gunta. — E vou com a Hiltrud.

— Vão com Deus. E vê se estão de volta para o almoço, antes que Enrico se impaciente.

— Não falharemos — concluíra a filha, apressando-se a lançar mão dos agasalhos e a informar a ama da ida à povoação.

Sem demoras, a princesa e a aia puseram-se a caminho, colina abaixo, através da porta românica que dava acesso ao plano arrelvado. A oeste elevava-se a torre de menagem, circular, com pequenas janelas no topo, que as telhas cobriam; a este e a norte o castelo era abraçado por uma floresta, abrindo-se, por fim, ao Sul para o vale e para o aldeamento.

Aldegundes seguira à frente, ansiosa por chegar ao bulício do burgo. Fora abafada, como a mãe estabelecera, envergando um vestido de escocês verde-escuro e risca vermelha, de corpete abotoado e gola subida, sob esta aparecendo uma segunda gola de renda branca. Por cima, segundo instruções da zelosa D. Adelaide de Bragança, levava um cachecol quente cor de musgo, com luvas a condizer e, finalmente,

na cabeça, um pequeno chapéu redondo de feltro verde liso, com breves abas levantadas dos lados, arrematado por um laço grande de veludo, na nuca. Atrás de si, a dedicada Hiltrud von Günther procurara acompanhar-lhe o passo, já fatigada dos seus 60 anos, carregando uma cesta, por indicação da menina, para levar de volta as compras que fizesse.

Em três tempos já percorriam as ruas da pastoril localidade medieval, detendo-se na montra de cada loja, a apreciar as peças de roupa expostas. Mas, antes de mais, a nobre quisera abastecer a despensa de frutos e verduras:

— Onde é a fruta, Hiltrud?

— Logo depois do barbeiro, Dona Aldegundes. Um pouco mais adiante — informara a açafata.

— A fruta, escolho-a eu. Não sei cozinhar, mas a senhora minha mãe ensinou-me a escolhê-la — declarara orgulhosa, acrescentando: — Em Itália, as maçãs e as laranjas para o meu marido, sou eu que as escolho... Sempre que posso. Vê-me é os legumes. O doutor Schröder quer que eu coma muita vitamina.

— *Herr* Schröder sabe o que diz. Quanto aos legumes, depois de uma vida inteira a conviver com a rechonchuda Wilhelmine e os seus tachos, já os trato por tu.

— Então vamos despachar essa despensa, para depois tratarmos de descobrir alguma bordadeira com roupinha de criança — completara Sua Alteza Real.

Seebenstein era uma terra simpática, de casinhas ora de madeira, ora de pedra, com telhados de telha escura. Os arruamentos alinhavam-se ao longo do rio, ou junto à igreja, salpicados de esplanadas onde os homens bebiam cerveja em canecas de barro esmaltado e cantarolavam canções tradicionais. E, embora a frequência de bares fosse vedada às mulheres decentes, as vozes dos aldeãos misturavam-se às das mulheres que lavavam no tanque a sua roupa, animando o ambiente e a princesa de Bragança e Bourbon-Parma.

Abastecidas dos alimentos pretendidos, as duas aristocratas reviraram então as lojinhas em busca de bordados infantis, em que as artesãs mostraram orgulhosas os seus trabalhos, envaidecidas por servir a filha dos reis de Portugal, como eram conhecidos os Braganças

naquele tímido enclave da Baixa Áustria. Aldegundes encantara-se com cada *chambre*, com cada par de botinhas, com cada touca, optando pelos brancos e pelos azuis — a cor real — e encomendando um par de lençóis com o monograma BP, dos Bourbon-Parma. Satisfeita com as compras, a jovem anunciara que antes de regressar a casa ainda fazia tenções de passar pela paróquia. Apesar de o lar austríaco dos Braganças, por linha de D. Miguel, se situar numa região maioritariamente protestante, a família real portuguesa continuava a praticar a fé da Igreja Católica Romana.

Santo André era uma bela e elegante igreja reconstruída em estilo neogótico. Branca, de telhados inclinados e negros e um singelo campanário, com um interior reddecorado por ordem da princesa Francisca de Paula de Liechtenstein. A princesa tinha uma predilecção pelo sacro espaço, iluminado por altas janelas que o enchem de luz.

Desta vez a sua visita eclesiástica revestira-se de particular missão, imensamente grata como estava pela graça da sua primeira gestação.

— Vou acender uma vela a Nossa Senhora — murmurara à aia, depois de se benzer. Hiltrud acenara afirmativamente, copiando-lhe o gesto, logo se dirigindo à imagem do patrono da igreja, santo da sua devoção, enquanto a jovem se encaminhava ao altar de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, para a sua prece de gratidão. Quem melhor do que a Santa Mãe do Salvador para entender a sua satisfação? Aquele parecera-lhe, de facto, o dia mais feliz da sua vida!

Era já perto da hora do almoço quando Gunta chegara a casa, na companhia da sua fiel ama. Com os embrulhos das roupinhas de bebé nas mãos, aligeirara-se a subir aos seus aposentos, para se lavar e mudar de farpela. Limpas as mãos e o rosto da poeira do caminho, retirara do armário uma saia drapeada, em azul-marinho e branco-pérola, que completara com um corpete de veludo no mesmo tom de azul. Com a agilidade de muita prática, desfizera e refizera o penteado, num ápice, rematando-o com um discreto laço de cetim índigo. Antes de descer, porém, não resistira a abrir os pacotes e espalhar sobre a cama as compras que fizera para o bebé que se anunciava, sorrindo enternecida, de olhos humedecidos.

O almoço decorrera tranquilamente, com as irmãs curiosas a quererem saber tudo sobre o passeio e sobre as prendas para o seu novo sobrinho. Em sintonia, as juvenis princesas, de 15 e 16 anos, confessaram desejar que o pequeno Bourbon-Parma fosse um rapaz, visto que já tinham três sobrinhas. Enrico comera calado, parecendo entediado com a animada e barulhenta conversa das mulheres; afinal, estava rodeado delas — da nobre sogra, das cunhadas, da cónjuge — e só a presença do padre Schmidt o libertava da algazarra do mulherio. Fora trocando umas palavras com o religioso, no seu fraco alemão, e disfarçando um sorriso sempre que algum comentário mais disparatado das adolescentes o divertia. Se o aborrecera a inesperada ida de Aldegundes à aldeia — grávida e sem pré-aviso —, agradara-lhe a ideia de a mulher ter mandado bordar os lençóis para o filho com o monograma dos Bourbon-Parma, como hoje recordava a jovem com carinho, na quietude do seu paço veneziano.

Na verdade, nenhum pormenor parecera desvanecer-se-lhe com o passar do tempo, nem a companhia que o eclesiástico fizera a Enrico, findo o repasto, enquanto aquele esfumava o seu charuto e bebericava um digestivo no pátio ajardinado do paço, nem a alegria das suas irmãs mais novas. Estava um sol pálido que apetecia e aquecia a face. Os homens caminhavam pausadamente, falando em surdina, e as garotas saltitavam pelos cantos, cantarolando e tirando água do poço para regar as flores. A rainha — assim a consideravam os miguelistas — e Aldegundes haviam subido para admirar as suas aquisições, que depois trouxeram consigo, para deleite das irmãs. O conde de Bardi olhara-as de longe, por cima dos óculos, procurando dissimular a curiosidade que sentia, mas, atenta, a mulher levara-lhe, por fim, as prendinhas, que Enrico aprovara, sorrindo. Como o mundo parecera sorrir naquele Inverno à jovem princesa de Bragança!

Gunta era a quinta de sete filhos; Maria Ana e Maria Antónia, as mais novas. As irmãs mais velhas — Maria das Neves, Maria Teresa e Maria José — já estavam todas casadas e a viver nos lares dos respectivos cônjuges. O mano, D. Miguel II, casar-se-ia em Outubro com a bela bávara Elisabeth Marie Maximiliana von Thurn e Taxis. A pobre Neves — que, tal como Teresa, após a morte do pai, ajudara a mãe a criar

os irmãos — sofrera o desgosto de perder um filho, com apenas um par de horas de vida. A querida Teresa fora mais feliz, dando à luz a pequena Maria Anunciata, hoje com seis meses; rumores havia, porém, de alguma intranquilidade no casamento. Quem casara muito bem fora Maria José, apesar dos 18 anos que a separavam do duque Carlos Teodoro da Baviera, a quem admirava a cultura e a delicadeza. Eram já pais de duas meninas, Sofia Adelaide e Isabel, ainda ambas de fraldas. Secretamente, Gunta sonhava com a felicidade matrimonial da mana Maria José e com a bênção da maternidade da sua adorada Maria Teresa. Talvez uma dependesse da outra e agora, que os Bourbon-Parma iriam ser abençoados com um filho, Enrico dulcificasse a sua amargura.

Na paz do Senhor, o Inverno fora passando. Chegara a Primavera, com um Março invulgarmente quente, e a neve derreteria, deixando poças de água pelas terras em torno. A Natureza despertava e os campos começavam a encher-se de flores e de cantos dos pássaros. À cidadela arribavam cestas de frutas de toda a qualidade e as juvenis princesas corriam à colina próxima a colher molhos de malmequeres. No planalto vizinho ao castelo, as corças passeavam com as suas crias. E a vista era deslumbrante e de cortar a respiração.

Dois meses haviam decorrido e a barriga de Aldegundes já principiara a notar-se. Vestia então as roupas que Maria José lhe trouxera na sua última visita a Seebenstein, enquanto os vestidos que mandara fazer não estavam prontos. O príncipe andava mais bem-disposto e conversador, alongando-se, num alemão já mais polido, em prosas com a sogra e com o clérigo que ele próprio ia visitar.

Certa tarde, D. Adelaide fizera saber que ia visitar as filhas a Viena. O tempo prometia e as saudades pediam-no. Há poucos meses Maria José tinha sido mãe pela segunda vez e a avó ainda não conhecia a neta. Ademais, Maria José preparava a mudança para Menton, na Côte d'Azur, onde o marido iria exercer medicina, o que dificultaria futuros encontros.

O programa cativou todos, que logo se fizeram convidados, especialmente as princesas. O padre mostrara-se igualmente interessado em ir a Viena rever o consorte da princesa Maria José, Carlos Teodoro. Schmidt fizera amizade com o duque aquando de uma vinda da sua

mulher, há um par de anos, para matar saudades da mãe e dos irmãos, e muito apreciara as suas prosas sobre cultura. Gunta, porém, entristecera, certa de que o marido rejeitaria tal plano, devido às suas incapacidades físicas — que ultimamente se haviam agravado, com a rigidez do Inverno —, e de que ela teria, naturalmente, de ficar a fazer-lhe companhia. E, com efeito, Enrico começou por torcer o nariz, deba-tendo-se contra a ideia de viajar naquelas limitadas condições, mas, por influência do pároco, lá se deixou convencer, tratando o bom cura de lhe assegurar todos os cuidados especiais necessários às subidas e descidas do príncipe nos transportes até à capital do império.

Ainda se colocara o problema da condição de Aldegundes. Contudo, Schröder dera o seu aval para a deslocação, visto a capital austríaca distar de Seebenstein somente uns 70 quilómetros e a viagem de comboio se fazer suavemente e com agrado.

Começaram-se, então, sem mais demora, os preparativos para a jornada e em três dias a família —acompanhada, para além do piedoso sacerdote, pelas amas Hiltrud e Konstanze, que já não eram estranhas à corte austríaca — pusera-se a caminho. Apanharam o comboio numa cidade das redondezas e seguiram para Viena.

O percurso fora breve e animado. A ideia de rever o magnífico Palácio de Schönbrunn fascinara as juvenis Maria Ana e Maria Antónia, entusiasmadas com a possibilidade de aí conhecerem os pretendentes dos seus sonhos. A rainha viúva e Aldegundes falaram dos encantos da maternidade e da perspectiva de estar com as infantas Sofia Adelaide (de dois anos) e Isabel (de apenas oito meses), ambas filhas de Maria José, e Maria Anunciata (da mesma idade), filha de Maria Teresa.

— Como deve estar grande a Sofia Adelaide! — comentara a avó.  
— O segundo nome foi em minha homenagem.

— Foi um gesto bonito — avaliara a jovem. — Se o meu filho for mulher, e se o meu marido o permitir, gostaria de fazer o mesmo.

— Agradeço a gentileza, mas não te preocupes com isso. Prevejo, então, que já se discutam nomes... — procurara saber a mãe.

— Oh, sim. Se for rapaz, como gostaria que fosse, será Carlos Miguel, em tributo aos avós, e, se for menina, ainda não chegámos a acordo: o Enrico gostava que se chamasse Teresa Luísa, evocando a mãe

e a avó; eu preferia Luísa Adelaide, por motivos óbvios — elucidara a filha.

— Pois são ambos bonitos. Que tal não te apoquentes. E depois outros filhos virão, certamente, em quem possam honrar todos os antepassados — gracejara D. Adelaide.

Entretanto, num banco à parte, os homens discutiam política, defendendo ardorosamente a causa monárquica, que o padre ungia com a bênção do Senhor, logo se persignando, maldizendo a república, que alguns espíritos revoltosos e diabólicos reclamavam. O príncipe concordara, acenando afirmativamente em silêncio, para de imediato dissertar sobre a legitimidade das pretensões carlistas ao trono de Espanha e nela se embrenhar no resto do tracto.

De mão pousada sobre o ventre, a princesa de Bourbon-Parma mordiscava uma maçã, pensando em como não via as irmãs mais velhas desde que se casara no Outono passado, quando a sineta do comboio sinalizara a chegada ao seu destino. Apesar das esforçadas advertências da mãe, as mais novas tiveram dificuldade em manter a serena aparente passividade que ficava bem à realeza.

Uma vez descarregadas as malas, tomaram as duas caleches que Maria Teresa havia enviado à estação para conduzir a sua família ao paço vienense: os homens seguiram numa, com as senhoras; as infantas subiram à outra, na companhia das açaflatas. O percurso até Schönbrunn fora rápido e agitado, com as vozes das donzelas a chegarem à carruagem da frente, para desagrado da mãe, que somente abanava a cabeça em desaprovo. Mas o suplício durara pouco e, meia hora depois, os viajantes entreviam o estupendo palácio dos imperadores do Império Austro-Húngaro, à vista do qual, subitamente, todas as vozes se calaram.

A sede da cultura e da política dos Habsburgos impressionava o mais impávido dos seres. Duas colunas, encimadas por esculturas de águias douradas, flanqueavam o grande portão negro de ferro forjado. Transposto este, o imenso edifício ocre, composto por um corpo central e duas alas laterais, erguia-se altivo ao fim de uma larga alameda com duas fontes circulares, ornadas de estatuária com cenas mitológicas, que eram enquadradas por canteiros ajardinados de forma oval. Na porta

central, uma colunada ladeada por duas escadarias acolhia os convidados, enquanto ao fundo, por detrás do paço, ao topo de uma colina, se desenhava uma arcada triunfal. Não menos belo era o frondoso e generoso parque que envolvia o conjunto arquitectónico.

Maravilhavam-se os visitantes com aquela visão do paraíso, quando de uma porta lateral surgiram duas damas que logo os Braganças reconheceram como sendo as infantas de Portugal, Maria Teresa e Maria José. Vinham acompanhadas de um sucinto séquito e de algumas crianças. O grupo dirigiu-se aos recém-chegados, enquanto os cocheiros ajudavam as senhoras a sair dos carros e desciam o príncipe de Parma, em braços, até uma liteira, que já o aguardava e de imediato o conduziu ao interior do palácio, por uma entrada secundária.

O reencontro da mãe e das irmãs fora emocionante e festivo. Houve choros, abraços e trocas de elogios. D. Adelaide logo reconheceu, numa das crianças que Maria José trazia pela mão, a sua neta Sofia Adelaide, que se apressou a tomar nos braços; as mais novitas, explicaram-lhe, dormiam ainda a sesta. Maria Ana e Maria Antónia inundaram de perguntas as suas irmãs, tudo querendo saber sobre Schönbrunn, a imperatriz Sissi e os nobres casadoiros da corte de Viena. O padre Schmidt dissera uma bênção às suas princesas, de lágrimas nos olhos, e indagara por Carlos Teodoro, tomando então conhecimento de que o médico se ausentara em trabalho, mas que em breve estaria de volta para recebê-los.

Os visitantes foram, por fim, conduzidos aos formidáveis aposentos que lhes haviam sido destinados, para se instalarem. Após a viagem queriam certamente refrescar-se e mudar de roupa. Ser-lhes-ia então servida uma leve refeição e bebidas quentes: chá, para as senhoras; chocolate quente, para as mais novas. Aí, finalmente, teriam tempo de se inteirar de todas as novidades. E, assim, uma hora volvida sobre a sua chegada, as irmãs e a mãe mataram saudades, em torno de uma mesa de chá redonda, com loiça da Baviera e copos de cristal da Boémia.

As mais novas atropelavam-se, como se o tempo em breve se esgotasse e não quisessem deixar nada por dizer ou perguntar. Estavam particularmente interessadas em saber se, durante a sua estada, se previa a realização de algum baile. Todos se riram com a questão.

Aldegundes, entretanto, sentara-se ao lado da sua doce Maria Teresa, que acolhera com grande felicidade a notícia da sua gravidez. Por seu lado, Maria José falava dos seus projectos de mudança para a Riviera Francesa e da sua nova vida ao lado do marido, que se dedicara à medicina. E o sacerdote, sentado à mesa, de chávena na mão, tudo ouvia comovido, dizendo améns. Nisto, chegara o duque Carlos Teodoro, desculpando-se por não ter estado presente para as acolher condignamente, logo Schmidt se levantando, a cumprimentar o duque efusivamente, anunciando que contavam agora com mais um companheiro para as suas conversas ao serão: o príncipe de Bourbon-Parma, que se havia recolhido, coitado, moído que vinha do caminho.

A determinada altura, Maria Teresa, perante o interesse manifestado pelas suas irmãs mais novas em conhecer o palácio, decidira levá-las e aos seus enteados — que não lhe largavam as saias — a uma visita pelos extensos jardins de Schönbrunn. O tempo continuava morno e a crianças estavam devidamente agasalhadas e de chapéus na cabeça. Antes, porém, indicara a uma das aias que preparasse uma limonada e uns biscoitos de gengibre e os servisse dali a pouco num recanto do parque. Dera, então, as mãos aos mais pequenos, começando a percorrer o exterior do palácio.

Aldegundes, que deixara o marido a descansar e a mãe em concílio com a imperatriz, trazia ao colo a bebé da irmã. Sorridente, a duquesa da Áustria principiara a sua lição de história:

— Schönbrunn começou por ser um moinho no século XIV. Depois, foi anexado ao Mosteiro de Klosterneuburg e...

— Um convento? — interrompeu Oto Francisco. — Nós vivemos num convento? — perguntou, divertido.

— Sim, filho, o nosso palácio já foi um refúgio religioso, mas, naturalmente, com outra configuração e sem fausto e glória. Bom, como eu dizia, em 1548, o então governador de Viena fez aí construir a sua casa senhorial.

— Que é o nosso palácio — sugeriu Margarida Sofia.

— Não, querida, ainda não. Só mais tarde, já na posse da família real, o moinho foi destruído e Eleonora Gonzaga, madrastra do imperador, decidiu erguer um palácio digno das suas festas e da sua posição.

— Mas Schönbrunn quer dizer «bela nascente», não quer? Onde fica essa fonte? — questionou Margarida Sofia.

— Quer, pois! — confirmou Maria Teresa. — Uma das muitas que por aqui havia. Bem, continuando. Ou já estão cansados de me ouvir?

— Não! — responderam todos em uníssono.

— Pois muito bem. E assim, poucos anos depois, Leopoldo I fazia renascer o palácio sobre as ruínas do anterior, para o seu filho, José I.

— Que é este que vemos... — quis confirmar Margarida Sofia.

— Sim, minha linda. Mas ainda não totalmente — prosseguiu a segunda filha de D. Miguel. — É que cada imperador queria deixar a sua marca neste paço.

— E onde é que estão as marcas? — quis saber a infanta, arrebatando o riso das princesas.

— Deixar uma marca quer dizer decorar o palácio à sua maneira, adicionando-lhe detalhes ou fazendo remodelações — esclareceu a anfitriã. — Olha, por exemplo, os nossos maravilhosos jardins e as escadarias de Schönbrunn são a marca da imperatriz Maria Teresa.

— Quais? — indagou ainda a pequena.

— Todas, Margarida. Desde a azul, à escada da capela, à escada em caracol, à imponente escadaria branca e à escadaria exterior sobre os jardins — elucidou a doce madrastra, continuando: — Chama-se, à sua época, «teresiana». E ainda dotou o palácio de uma sala de espectáculos, o Schlosstheater, onde actuaram grandes nomes da música, como Mozart e Haydn.

— Ah! — clamou Oto Francisco. — Mozart tocou na nossa casa?

— Tocou, filho — sorriu Maria Teresa. — Não há casa mais nobre em todo o império! Aqui nasceram e morreram imperadores, daqui partiu a arquiduquesa D. Leopoldina de Habsburgo, a primeira imperatriz do Brasil, primeira mulher de D. Pedro I. Aqui dormiu Napoleão. E actualmente é a nossa residência de Verão. Chamam-lhe a Versalhes da Áustria e não sem motivo.

— O que é Versalhes? — perguntou Francisco Fernando.

— É um palácio em França, ignorante! — cuspiu Oto Francisco.

— Então, Oto! — corrigiu, suavemente, a sua madrastra. — O teu irmão ainda é muito jovem para saber de História mundial.

— E a imponente arcada clássica que se ergue ao cimo do parque, a quem se deve? — indagou Maria Antónia, curiosa.

— A *Gloriette*? Ainda à imperatriz Maria Teresa — explicou a irmã à curiosa plateia de jovens crianças, de olhos atentos, postos em si. — Para tal mandou desmontar uma antiga galeria em desuso, para que as suas colunas e cornijas de pedra fossem utilizadas na feitura da nossa bela *Gloriette*.

— Então a *Gloriette* é feita de retalhos? — perguntou o pequeno Fernando Carlos, enteadado da duquesa.

— Sim, meu querido, pode dizer-se que sim — respondeu a madrastra, soltando uma gargalhada, enquanto lhe acariciava o rosto.

A arquiduquesa sempre tratara os seus quatro enteados de forma amantíssima, mas nutria inegável predilecção pelo franzino Francisco Fernando, de catorze anos. O infante tinha dois irmãos mais novos — Oto Francisco, de doze e Fernando Carlos, de nove — e duas irmãs mais pequenas — Margarida Sofia, de sete anos, e Maria Anunciata, de apenas oito meses, esta já filha de Maria Teresa.

— E há muito mais que ver — continuou a Bragança —, como o fresco laranjal ou as falsas ruínas romanas.

— A mãe diz que as ruínas são românticas — interveio Maria Antónia.

— São, sim. O antigo e os vestígios de outras épocas respeitam a História e recordam o passado, nada mais romântico!

— Os bailes também são românticos! — palpitou Maria Ana. — Vai haver algum enquanto aqui estamos, mana?

— Não se prevê nenhum. A imperatriz não se tem sentido bem e receia-se que volte a contrair um problema de pulmões. Está de partida para a ilha da Madeira, para recuperar a boa forma.

— Pobre Sissi! Espero que em breve se ponha boa — lamentou a pequenina Margarida Sofia.

— Assim esperamos, meus queridos. Vá, mas agora chega de conversa e vamos para dentro, que já começa a arrefecer. Daqui a pouco serve-se a janta e temos de nos aprontar.

— Vamos comer à mesa da imperatriz? — perguntou Maria Antónia, entusiasmada.

— Talvez. A imperatriz tem andado a comer pouco. Mas quem sabe? — concluiu Maria Teresa.

E essa noite a imperatriz comparecera. Sentara-se à mesa com a família de Bragança. O jantar fora servido, como habitualmente, na sala a que chamavam «o quarto de Maria Antonieta», cujo nome se devia a uma tapeçaria que pendia de uma das paredes. A peça representava a rainha francesa com os seus filhos e tratava-se de uma prenda do imperador Francisco José, cujo retrato podia ver-se na parede oposta. Fora a actual imperatriz que tivera a ideia de transformar o espaço em sala de refeições.

O aposento era magnífico! Todo lacado a branco, com ornamentação em folhas de ouro, em elegante estilo rococó, como, aliás, a maior parte do palácio. Junto à parede havia aquecedores feitos de porcelana branca, enquanto do tecto pendiam dois soberbos lustres de cristal da Boémia. A mesa, comprida, estava posta com a melhor das loiças e baixelas. As cadeiras, de estofos vermelho, eram de madeira lacada e ornada a ouro, como as paredes. Os arranjos florais eram feitos de orquídeas colhidas nos próprios jardins do palácio, que albergava 25 000 orquídeas de 1500 tipos diferentes, o que constituía a maior colecção do género na Europa de então. Habitualmente, quando a ocasião não era de circunstância, optava-se por arranjos de azáleas e jacinthos. Desta feita, contudo, Isabel da Áustria determinara que a nobreza das orquídeas era mais apropriada à rainha viúva de um rei de Portugal. Rei esse em cujo sangue corria o sangue dos Habsburgos, por via da sua mãe, Carlota Joaquina.

Maria Antónia, que tal como os restantes irmãos já havia pisado os chãos de Schönbrunn em mais tenra idade, olhara pasmada, de boca meio aberta, a beleza asfixiante daquele interior. A mãe, apercebendo-se da sua postura, logo lhe dera um discreto toque no braço, que a filha de imediato compreendera, fechando a boca, ao recordar-se de um dos ensinamentos daquela: «Não se abre a boca embasbacada perante a arte e a cultura!»

Na ocasião, o próprio imperador ditara a distribuição dos familiares à mesa e fora permitido conversar-se, ao contrário do que acontecia nos banquetes oficiais. Também o cardápio mudava consoante o tom

da refeição, preferindo-se a cozinha austríaca à francesa nos repastos em família. As crianças, naturalmente, comiam numa sala à parte, na companhia das suas amas.

A bela Sissi sentara-se a uma das extremidades da mesa. Estava muito magra, e o seu belo rosto, empalidecido. Trazia, como habitualmente, o escuro cabelo longo preso à volta da cabeça numa larga trança, que depois lhe pendia em cacho sobre a nuca. Trajava um vestido de meia-estação azul e branco, que lembrava um azulejo português. Os ombros ligeiramente descobertos, agasalhados por um leve xaile de lã, denunciavam a sua magreza. Mas a imperatriz recebera amavelmente os seus parentes afastados e os demais convidados, falara do tempo e de cultura, escutara atentamente quem se lhe dirigia, e sorriera um sorriso triste.

O jantar com a imperatriz fora o momento alto da estada dos Braganças na corte austríaca. Nada mais o igualara. Em breve Sissi partiria para o arquipélago madeirense, para tomar ares, e o palácio ficara entregue à sua majestade e às suas histórias. Os dias que se seguiram foram passados entre o aconchego do paço e a excelência dos jardins. Enquanto os homens liam os jornais, ou jogavam póquer, e bebiam conhaque na Sala de Bilhar, Maria José conduzia a mãe e as irmãs mais novas pelos faustosos interiores de Schönbrunn, que compreendia um total de 1441 quartos. Muitos deles com histórias que contar:

— No Gabinete Chinês, por exemplo, a imperatriz Maria Teresa entreteve encontros secretos com o seu chanceler, o príncipe Kaunitz; no Quarto Vieux-Laque, Napoleão concentrou-se com os seus generais; e, no Salão dos Espelhos, deu Wolfgang Amadeus Mozart um concerto, com apenas seis anos de idade. Já o Quarto dos Milhões não terá histórias, mas é belíssimo, com aqueles painéis de pau-rosa e dezenas de miniaturas preciosas provenientes da Índia e da Pérsia.

— Gostaria muito de poder rever as exóticas estufas e os jardins — anunciou D. Adelaide de Löwenstein e Bragança.

— Certamente, minha mãe — anuiu a filha. — Já fazia tenções de vos lá levar.

— E também às cocheiras! — suplicou Aldegundes.

A irmã sorriu: — Mais tarde, Gunta. Mais tarde.

Depois de subirem aos seus quartos para lançar mão dos devidos abafos, as senhoras da família desceram ao exterior do palácio imperial dos Habsburgos, que dominavam a Áustria desde o século XIII. A perfeição preenchia tudo quanto o olhar alcançava. No meio do relvado, decorado a flores coloridas, avistava-se a Fonte de Neptuno; mais acima, impunha-se, ufana, a *Gloriette*. Também as estufas impressionavam, estendendo-se, sob uma imensa estrutura envidraçada, por 113 metros de comprimento, e compreendendo um pavilhão central de 28 metros de altura e dois pavilhões laterais.

— E que ala é aquela que se avista em frente da fachada este do paço e que ostenta uns arcos de triunfo em ferro? — inquiriu Maria Antónia.

— Ah, esse é o Jardim do Príncipe — esclareceu a irmã.

— Que príncipe? — questionou de novo a jovem.

— Ora, que príncipe!? — bradou, perplexa, a cunhada da imperatriz. — De Rudolfo, o príncipe herdeiro!

— E onde está o príncipe Rudolfo?

— Na sua cuidada formação, para que um dia possa suceder ao pai — explicou Maria José, ajuntando: — Os seus jardins, por serem abrigados do vento, albergam, entre outras, uma rica coleção de árvores citrinas. O edifício sobranceiro aos mesmos que daqui se vê é a sua residência privada.

— E os estábulos? — repetiu a princesa de Parma, impaciente.

— Fizeste-me lembrar a nossa irmã Maria das Neves. Sempre em volta dos cavalos — disse a irmã, enternecida com a lembrança. — Lá iremos.

As cocheiras de Schönbrunn rimavam com o palácio em fidalguia e dignidade. Tal como rimava a mera visão de um cavalo. Não havia animal mais nobre ou mais distinto, pelo que uma cocheira nunca seria um local menor, mas antes um espaço de encantamento. E como encantavam as estrebarias do paço austríaco! Os cavalos — cerca de uma vintena — estavam acomodados num pavilhão abobadado, de tectos estucados, tão branco e nobre como a restante corte. À semelhança do recinto que os albergava, eram todos brancos. A princesa de Bourbon-Parma perdera-se a acariciá-los, um a um, demorando-se na suavidade

aveludada dos seus narizes. As manas mais novas copiaram-lhe o gesto, habituadas como estavam a lidar com cavalos. Apercebendo-se do seu à-vontade, os tratadores foram buscar-lhes um cesto de cenouras, para que suas altezas reais pudessem amimar os animais. Por fim, arriaram três dos mais mansos e ofereceram a monta às princesas, que logo seguiram, guiadas por um dos jóqueis, para o picadeiro adjacente.

Aldegundes hesitara. A sua condição não lho permitiria. Sentar-se-ia sobre a sela, por instantes, para matar saudades, mas não andaria a cavalo. Demorara-se uns cinco minutos em cima do cavalo e fora assistir, já apeada, ao deleite das irmãs. Esta fora, sem dúvida, uma das melhores experiências das suas férias em Viena de Áustria. No dia seguinte, regressaram a casa.

O trajecto de retorno fora mais cansativo e parecera mais longo do que a ida. Talvez por, no destino, não os esperar um trono imperial. Talvez porque Enrico amuara a um canto da carruagem, farto de viagens e deslocações; farto de depender do auxílio de outrem para se movimentar. Talvez porque as saudades de Maria Teresa e de Maria José já se fizessem sentir. Certo é que, nos primeiros dias da sua volta a Seebenstein, todos pareceram aborrecidos, preferindo desfrutar de momentos a sós. As mais novas entregaram-se à leitura dos seus romances; Aldegundes, recordando as preferências literárias da mana Neves, tão amante de cavalos, procurara um dos seus livros de aventuras de cavalaria; Enrico permanecera antipático no seu canto; o padre andava ocupado com os afazeres da paróquia, que se haviam acumulado dada a sua ausência, mandando recados de que, mal pudesse, subiria ao castelo para tomar um chá com suas excelências; e D. Adelaide, sem quem lhe fizesse companhia a não ser as amas, entretivera-se a bordar um babete para o seu neto que iria nascer.

O tempo tampouco ajudara. Nuvens carregadas encobriam o sol e escureciam o céu naquele reduto da Baixa Áustria. Começara a chover e a neve derreteria, cobrindo o chão de terra enlameada. E a temperatura voltara a arrefecer. Só na segunda semana após o regresso de Viena, é que o castro de Seebenstein recuperara o seu brilho. Voltaram os serões em família e os jogos de bridge. As senhoras retomaram os seus tradicionais lanches de chás e tarte de frutas, à volta da lareira.

Até o devoto Schmidt reaparecera, ávido de conversa e dos petiscos de Wilhelmine.

Certo dia, D. Adelaide mandara retirar os cavaletes e o material de pintura das arcas e instalar um pequeno *atelier* numa divisão que dava para o pátio ajardinado. Os Braganças cultivavam o gosto pela arte, fazendo do ensino desta parte integrante da educação dos seus infantes, e os filhos de D. Miguel não eram exceção. As três irmãs acolheram com agrado a ideia da mãe e espireceram o mal do seu isolamento, a esboçar na tela as memórias que guardavam do palácio imperial.

Aproximava-se o mês de Maio. Temperado e luminoso. A matriarca dos Braganças começara também a mandar servir os lanches no átrio, sempre que o clima o permitisse. Animada pelo tempo, a cozinheira desdobrava-se em doces e sobremesas que acompanhassem a limonada e as torradas. Numa dessas tardes, Aldegundes recusara a tarte de frutos silvestres. Estava enjoada. Não lhe apetecia. Mordiscara uma torrada e deixara o resto do pão à beira do prato, ficando-se pelo chá. Nesse dia retirara-se mais cedo para os seus aposentos. Indisposições da gravidez, certamente.

No dia seguinte, nem tocara no pequeno-almoço. Pedira desculpa a todos, mas iria passar o dia no seu quarto, a ler um livro. Quando a filha não desceu para jantar, a mãe mandara Ludwiga ver se a princesa estava bem. A aia voltara algo incomodada:

— A Dona Aldegundes chama por Sua Alteza Real. Pede-lhe que vá ter com ela lá acima.

— Obrigada, Ludwiga. Vem comigo. Podes ser precisa — acautelara a rainha viúva, que logo se apressara a subir as escadas. Ao chegar ao quarto da filha, dera com Aldegundes a queixar-se de dores na barriga.

— Sangraste? — perguntara, preocupada.

— Não, minha mãe — sossegara-a a jovem.

— Menos mal. Ainda assim, Ludwiga, vai depressa à aldeia chamar-me o doutor Schröder. E diz à Hiltrud que suba e aguarde na antecâmara. Pode fazer falta.

— Irei, Alteza — dissera a aia, retirando-se com uma ligeira vénia.

D. Adelaide esperara junto de Gunta, mandando embora as filhas mais novas, quando estas apareceram, preocupadas, inquietas, à porta do aposento: — Voltem para a mesa. Está tudo bem. A vossa irmã só precisa de repousar.

— Mas a senhora minha mãe chamou pelo médico — contestara Maria Ana.

— Por mera precaução — assegurara-lhe D. Adelaide.

A princesa continuava a queixar-se de cólicas, pondo a mão sobre o ventre. A determinada altura, começara a chorar, de dor e de medo; medo de perder o bebé que carregava. Aldegundes ia em pouco mais de quatro meses de gestação, uma gestação tranquila e de poucos enjoos. Nada fizera antever um contratempo. Mas quando, subitamente, a filha gritou, revelando à mãe que havia tido uma hemorragia, esta levantara-se, dirigira-se à aia que sabia atrás da porta e sussurrara-lhe:

— O Schröder que traga também a parteira. E não se diz nada a ninguém, entendido?

Von Günther acenara que sim, limpara uma lágrima e retirara-se sem nada dizer. Meia hora mais tarde chegava o físico, que se apressara a examinar a paciente, enquanto a mãe aguardava de pé, junto à janela. A certa altura, D. Adelaide acreditara ter visto Schröder franzir o sobrolho. Fixara-o, esperando que ele lhe devolvesse o olhar e lhe negasse o que temia. Mas quando, instantes depois, os seus olhares se encontraram, o médico abanara a cabeça de semblante carregado. Aldegundes não vira a sua conversa sem palavras, nem se apercebera da gravidade do diagnóstico. Fora Schröder quem instantes depois lho revelara e lhe explicara que perdera o seu primeiro filho.

A jovem emudecera, chorando em silêncio. O seu corpo estremecera, tal como hoje estremecia, à mera lembrança dos acontecimentos. Entretanto, chegara a parteira para auxiliar o médico. Não fora, no entanto, necessário: o bebé nascera morto. Era um menino.

Parecera que o mundo acabara. O dia parecia ter escurecido e calado a vida com o seu semblante medonho.

Naquele momento, Aldegundes sentira-se a menor mulher do mundo. Uma mulher que não podia ter filhos. Árida, seca e sem futuro. Que vida era essa, se não podia sentir um filho crescer dentro de si,

embalá-lo nos braços, chegá-lo ao peito? Chorar com ele as suas mágoas, partilhar com ele as suas alegrias? Naquele quarto a única verdade era o terrível sofrimento que lhe inundava a alma e lhe esbatia quaisquer contornos da vida para além dessa destruidora realidade. Nem a promessa do médico, de que nada a impediria de voltar a engravidar e de ser finalmente mãe, lhe suavizara o trágico desmoronamento da maternidade.

Fora igualmente Schröder quem dera a notícia a Enrico de Bourbon-Parma. O príncipe cerrara os dentes e olhara o médico nos olhos, não deixando transparecer qualquer emoção, apenas uma raiva contida que não exteriorizara. Não fora ver a mulher, não proferira uma palavra. Fechara-se em si e no quarto. Comparecia somente às refeições, que tomava em absoluto silêncio. Só passadas algumas semanas, quando Aldegundes descera à sala, de robe, xaile sobre os ombros e cabelo desalinhado, é que abriu a boca para lhe dizer ao ouvido, baixo, para que mais ninguém o ouvisse:

— A culpa foi sua. Dessa sua ideia imbecil de ir andar a cavalo.

De nada valeram as palavras que trocaram nos dias que se seguiram, em que a mulher lhe garantira que não tinha senão montado o puro-sangue e logo descido. De nada servira o seu choro, a sua ferida. A cura milagrosa para a mágoa em que a mergulhara o príncipe de Parma fora, entretanto, a chegada do seu cunhado, D. Miguel II, da Universidade de Innsbruck, no Tirol, onde estudava. Jovem, bem-apeesoado, noivo de uma sobrinha da imperatriz da Áustria, o filho de D. Miguel I de Portugal enchera Seebenstein de risos e boa-disposição. Com ele, vieram os jantares de família, as ceias no pátio, os jogos de charadas, os relatos de viagens que havia feito e a troca de experiências das estadas no paço real.

Também Aldegundes voltara a sorrir. E a vida parecera-lhe finalmente recomeçar — como o recordava ainda com especial clareza! —, quando o marido lhe devolveu o sonho, ao lembrar, certa noite, em que os dois tomavam a fresca no átrio:

— Foi aqui que a pedi em casamento.

Formosa e culta, Aldegundes de Bragança era a quinta filha do rei D. Miguel, banido de Portugal no seguimento das Guerras Liberais que o opuseram ao seu irmão D. Pedro. Casada aos 18 anos com o príncipe italiano Enrico de Bourbon-Parma, cedo descobriu o homem azedo que o seu semblante belo e distinto escondia.

Os trinta anos de matrimónio foram tecidos de momentos ora de paixão, ora de discórdia, tendo como palco o seu palácio veneziano, o castelo dos Braganças na Áustria ou os iates que os levavam frequentemente a terras distantes. A maior batalha da sua vida, porém, foi a que travou em busca do sonho de ser mãe.

Visitou Portugal clandestina, impedidos como estavam os herdeiros de D. Miguel de entrar na sua pátria. Pátria essa à frente de cujos destinos sonhou um dia poder ver o seu amado sobrinho D. Duarte Nuno de Bragança, pai do atual pretendente à Coroa portuguesa.



Esta é a história da Princesa de Parma, uma mulher decidida e iluminada, que reclamou para si o título de duquesa de Guimarães e que fez do seu drama pessoal a força para vencer, encontrando na luta pela restauração da monarquia em Portugal a sua derradeira paixão.

DA MESMA  
AUTORA:



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)

TOP  
SELLER

os livros em primeiro lugar

topseller.pt

ISBN 978-989-8491-71-8



9 789898 491718

Romance Histórico